ALFREDO LUSTOSA CABRAL

DEZ ANOS NO AMAZONAS

(1897 - 1907)

(Memória de um sertanejo nordestino emigrado àquelas paragens em fins do século passado)

Prefácio de OCTACILIO DE QUEIROZ

[illegible]STRIAL DE JOÃO PESSOA
[illegible]GRAFIA E ENCADERNAÇÃO
DA PARAIBA — BRASIL

ALFREDO LUSTOSA CABRAL

DEZ ANOS
NO
AMAZONAS

(1897 - 1907)

(Memória de um sertanejo nordestino emigrado àquelas paragens em fins do século passado)

Prefácio de OCTACILIO N. DE QUEIROZ

—o—

ESCOLA INDUSTRIAL DE JOÃO PESSOA
CURSO DE TIPOGRAFIA E ENCADERNAÇÃO
Estado da Paraíba — Brasil — 1949

PREFÁCIO

Subir o Amazonas é fundir-se na vida de um mundo. O Amazonas é uma torrente de sangue que corre por uma floresta: a floresta é o Brasil. — WALDO FRANK — *America Hispanha* — pag. 165.

... a agitada tragédia da borracha amazonense não tem nada que se lhe possa comparar. NORMANO — *Evolução Economica do Brasil* — pag. 48.

O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. EUCLIDES DA CUNHA — *À Margem da Historia* — pag. 49.

— Este livro, com clara evidencia, não poderia pertencer aos modernos e aprofundados estudos sobre a Amazônia. Nasce velho, sem brilho nem o toque irisado e forte das notaveis produções literárias sobre o gigantesco vale que, a partir de Euclides da Cunha, vêm revelando aquele vasto mundo, ao mesmo passo que enriquecem a literatura nacional com estranha originalidade. De sua rápida leitura, depreendemos, na verdade, à feição daquelas cinzentas e diluidas barrancas do grande rio, distantes e baixas, escondendo o mistério vago da terra, o nível quase incolôr e singelo de narrativa comum aos milhares de sertanejos, que emigraram para o norte, à mágica sugestão dos tempos áureos da borracha, de lá regressaram ou permaneceram para sempre sob as sombras húmidas e imensas da prodigiosa selva.

Em conhecida cidade do interior paraibano, por muitos, episódios aqui narrados têm sido contados e repetidos, desde anos, à mêsa das refeições, à porta das vendas e farmácias, nas conversas das primeiras horas da noite, de cadeiras nas calçadas, sob a luz das estrêlas e ao sôpro amenizador do vento, vencido o terrivel calôr das tardes dalí.

Quando, entretanto, animei o autor a divulgá-los em livro, foi apenas por reconhecer a importância de valioso testemunho, de experiência duramente vivida, que, de fáto, representam. O testemunho de um sertanejo simples, igual aos demais, falando de sí, de sua aventura extraordinária, de rapazinho ainda, atirado às plagas amazônicas cincoenta anos passados, na época tumultuária da borracha e da conquista por consideraveis levas de nossos irmãos nordestinos.

É preciso, pois, dar a tudo isso, escrito sem hipérboles nem alucinantes brados, a importância e o limite merecido. Ao sociólogo, por exemplo, eliminadas muitas dissertações ingênuas, meias-tintas de remotas influencias literárias de professor de aula primária, como o autor o foi, ressumbram, de forte ganga, fátos de assimilação e luta contra o meio, acontecimentos evidenciadores do imenso drama alí travado, pequenos choques de cultura, religiosidade e superstições, relações entre os sexos e o gentio, aspectos económicos, breves dados, enfim, preciosos à análise e formação de uma sociologia regional ou ecológica, genética ou histórica da famosa *Hylœa* brasileira.

O autor, com a mobilidade característica dos sertanejos cearenses e paraibanos, descendente de velha família a que pertenceu o marquês João Lustosa da Cunha Paranaguá, ministro do império,

tudo quiz ser e enfrentar em dias de jovem e de homem já maduro. Orfão aos 14 anos, emigrou, acompanhando o irmão seringalista, para o Amazonas onde foi tambem seringueiro, caucheiro, mateiro, remador e varejador de canôa, cosinheiro, regatão, agricultor e inspetor de quarteirão nomeado por uma figura de oficial de prisão siberiana — o tte. Sombra. De volta à terra natal, se fez professor primário pela Escola Normal da Paraíba, em 1912, no govêrno Castro Pinto, depois músico, vereador eleito, rapadureiro, adjunto de promotor por duas vezes, e, finalmente, vinte anos mais tarde, já aposentado no exercício do magistério público, cirurgião-dentista pela Faculdade de Medicina e Odontologia do Recife.

Mas, a Amazônia, durante o largo tempo em que lá viveu, imprimiu-lhe na memória, de modo indelevel, os reais traços de sua temerária emprêsa.

Decerto, serão apontadas facilmente erradas apreciações, observações inseguras talvez, sem nenhum controle rigorosamente histórico ou cientificamente estudado. Contudo, outro aspecto nos deve prender à leitura do presente trabalho. É que dêle não podemos abstrair um só instante a sinceridade espontânea da narrativa, sem erudição postiça nem vernaculidades de mestre da lingua, mas de regular importância ao conhecimento e interpretação, relativa que seja, de uma «das maiores emprêsas» daqueles tempos, no dizer de Euclides, ou da «incomparavel tragédia da borracha amazonense», na expressão do economista norte-americano J. F. Normano.

Em sua monumental História da Companhia de Jesus no Brasil, o padre Serafim Leite, S. J., vol. IV, assinala com sua indiscutivel e alta competencia de historiador, tres modalidades de modernas

publicações sobre a Amazônia — algumas de ciência especializada; outras de vulgarização; outras ainda de viagens ou fantasia. O presente e modesto trabalho não podemos, entretanto, enquadrar no âmbito da segura divisão do sábio jesuita. Desatualizado, frio, sem nenhum brilho literário ou sutilezas de erudição, é apenas, a memória sincera e insuspeita de quem, simples emigrado à cata de enriquecer, de melhorar de vida, após lutar e sofrer na grande selva equatorial, quiz deixar aqui o vivo e desataviado relato de sua apagada odisséia.

Em verdade, nada mais representa do que uma humilde e esquecida voz, salva da voragem primitiva, a vibrar distante, da penumbra dos dias mortos, serena como pequenina réstia de luz. Mas, ainda assim, a iluminar tambem os destinos anônimos e perdidos dos que se fôram, aos milhares, bravamente, dos sertões ásperos, cheios de sol e hígidos do Nordéste, povoar, «domar o deserto», dando «à terra sem historia» o mais alto e valioso contingente humano, modelando-lhe, enfim, no corpo gigantesco e infórme, a maior parcela de sua alma coletiva que, hoje, se afirma e se engrandece na amplidão imensa daquela região.

João Pessoa, Pb., junho — 1949.

Octacilio N. de Queiroz

DEZ ANOS NO AMAZONAS

I

Em março de 1897, chegára a Pátos, meu irmão Silvino Lustosa Cabral vindo das plagas amazônicas onde passára cinco anos.

Grande foi o contentamento da família ao abraçá-lo.

Perdido por aquele mundo, sem se ter qualquer notícia, deixava crêr que já tivesse êle desaparecido da face da terra.

Trouxe no bolso uns gordos cobres que arranjara por lá com ingentes sacrifícios.

Foram dias de festa e alegria para tôdos, sua estada no seio dos irmãos e parentes.

Levava o tempo contando as peripécias, os sofrimentos, os gozos e novidades por que passára nessa região.

O pessoal, boquiaberto, ouvia estarrecido o desenrolar das narrativas.

Uma cousa entrestecia, — nosso irmão chegára com intuito de passar com os seus, apenas cinco mêses e voltar àquela terra.

Por mais que a família, parentes, amigos o demovessem do plano, mais êle se tornava resoluto, intransigente... tinha que voltar.

Os dias iam-se passando céleres e eu a cada momento ouvia aquelas histórias bonitas, às vezes

fantásticas, que êle contava, bem como, da facilidade de se enriquecer em pouco tempo. Fiquei logo desejando conhecer tudo aquilo — passeios, viagem de canôas, aves canôras como o irapurú, pássaro quasi encantado, caçadas, índios, a bicharada.

Meu irmão trouxe um cosmorama comprado no Pará com lindas vistas e paisagens de Manáus, Belém, Paris, Londres, Viena, São Petersburgo, Rio de Janeiro, etc, um encanto para quem as desconhecia e mais um realejo de veio de tamanho regular com bôas músicas e variado repertório.

Na casa de Chiquinho Sacristão casado com a prof. Quinoca, nossa irmã, onde se hospedara, havia um borborinho doido.

Tôdas as noites reuniam-se moças, rapazes para verem o cosmorama e as músicas harmoniosas do realejo.

O vigário, o juiz, o promotor e outras pessoas gradas festejavam a casa do Chiquinho atraidas pela notícia da grande novidade. Tudo era gratis, nada se pagava.

O nosso hóspede andava se abeirando aos seus vinte e quatro janeiros e eu contava os meus quatorze completos.

Não o largava, queria sempre ouvir suas histórias admiráveis sôbre o Amazonas, histórias essas que já me traziam a cabeça atordoada. Um dia tive ocasião de ouví-lo perguntar se desejava acompanhá-lo para o Amazonas. A resposta foi incisiva, pronta, decidida. Os meus outros irmãos ao terem conhecimento da nova, acharam-me bem creança para enfrentar a viagem e tôdos a *una voce* discordaram.

Resisti heroicamente alegando não ter mãe nem pai. Vivia sob os cuidados de irmãos. Assim

tanto podia morar com um como com outro, tôdos eram iguais.

Silvino era conhecido como um dos melhores cantôres de modinhas.

Espírito alegre, expansivo, rodeava-se da elite patense e facilmente conseguia improvizar dansas quasi tôdas as semanas, sempre em casa do Chiquinho.

Pátos viveu fase de deliciosa alegria. As visitas de moças, rapazes, parentes, amigos não se faziam esperar, tôdos ansiosos por conhecerem o Silvino e ouvirem dêle as histórias do Amazonas.

II

Chegado o mês de setembro, aprontamo-nos para seguir viagem.

Arranjou-se condução e marcou-se o dia da partida.

Montado num possante muar, acompanhando o passo cadenciado e moroso do comboio de lã e nossas malas, que se destinavam a Timbaúba de Mocós (Pernambuco) ponto terminal da via-férrea que partia do Recife, viajava eu, junto aos tropeiros, Severino Belo, Xixi Rodrigues e Chaguinha da Antonica, com o coração partido de saudade do rincão natal.

Conduzíamos também uma carga de emas que um outro irmão (Antônio Cabral) que só ia até Recife, levava de presente para João Vieira, alto comerciante em Pau dAlho.

Tanto Silvino como Antônio Cabral deixaram sua partida para os dois dias seguintes.

Ao nos defrontar com o sítio Cacimba de Areia, (hoje vila) avistamos junto à casa do lugar uma igrejinha. Um dos portadores disse: "Vocês sabem a história dessa capéla? Vou contar: O dono dêsse sítio era um homem bastante trabalhador e tinha vontade de ser rico — o que não conseguia apesar de seus esforços.

Certa ocasião, disséra que só queria enriquecer... nem que fosse com o auxílio do diabo. Êste apareceu-lhe e justou que o tornaria rico mas, em certo tempo, o levaria para os infernos. O homem chegou a fazer um bom recurso, e, logo depois, lembrou-se do contráto com satanaz.

Assombrado com o *capêta*, valeu-se de Nossa Senhora da Conceição, prometendo erigir-lhe uma igrejinha desde que a Santa o livrasse das garras de seu inimigo.

E, assim, cumpriu sua promessa, não mais lhe aparecendo o cão."

Devido a essa história, é que o povo costuma dizer gracejando que, "em Cacimba de Areia, até o diabo foi enganado"...

Transpondo os últimos socalcos da Borborema atingimos depois de três dias de viagem o planalto onde está edificado a povoação de Timbaúba do Gurjão.

Alí um dos tropeiros adoeceu de febre. Surgiu no rancho um homeopata de nome Antônio Coutinho,conversador e inteligente que havia poucos dias chegado à povoação e fixára residência.

Examinando o doente, constatou que era variola.

Estabeleceu-se pânico. Tôdos trataram de se distanciar do companheiro.

Como preventivo, ingerimos fortes goladas de aguardente.

Um dos portadores abriu os garajaus para dar um descanço as emas, que se achavam trôpegas e poderem elas alimentar-se de grilos e gafanhotos no macambiral.

Grandes foram as dificuldades para se recolherem essas donas às suas residências. Corriam como umas doidas esmulambadas pelos taboleiros

espinharentos do Cariri e só se deixaram pegar com auxílio de uma cadela astuciosa que, casualmente, aparecêra alí, nessa hora, e a precaução que tivemos de atar, á perna de tôdas elas, um pedaço de corda. Os meus dois irmãos, que haviam ficado em Pátos, chegaram, nessa hora de aflição. Deliberaram o que se devia fazer, e prosseguiram viagem.

O companheiro doente voltou para se tratar em Batalhão e o comboio seguiu o seu destino...

* * *

Depois de uma penosa viagem de quatorse dias, chegamos à movimentada cidade de Timbaúba de Mocós.

Cabeça de linha da via-férrea, todos os tropeiros do sertão da Paraíba e do Rio G. do Norte para alí se dirigiam com o objetivo de receberem as cargas de mercadorias do Recife e conduzí-las para o sertão.

Vi o trem pela primeira vez, achei bonito mas não estarreci diante do mesmo.

Dormimos e, no dia seguinte, partimos com destino ao Recife. Depois de saltarmos no Brum, fômos nos hospedar num velho prédio de seis andares defronte do Cais da Linguêta. Alí tinhamos que aguardar o navio "Pernambuco", que estava sendo esperado do Sul a qualquer momento.

Esse paquête demorára-se na viagem de modo que não foi possivel chegar no dia aprazado. Graças a êsse incidente, ficamos conhecendo os principais bairros e praças da Veneza pernambucana. Logo que nos hospedamos, fômos no dia seguinte à casa de um nosso tio de nome Antonio Pedro de Azevêdo, major reformado da polícia de Pernambuco.

Achava-se nêsse tempo como diretor da Detenção. Foi-nos grata a satisfação que tivemos em abraçá-lo. Contou-nos haver se reformado moço em virtude de uma punhalada que recebera de um dos célebres capoeiristas do Recife, cujo ferimento foi causa de sua morte tempos depois. Da segunda visita que lhe fizemos, convidou-nos para mostrar alguns dos pontos mais pitorescos da cidade. Fômos, e, passamos próximo ao Arsenal de Marinha; achei-o interessante. Observei um pelotão de marujos composto de meninos de meu tope, equipados com seus espadins e granadeiras ao ombro fazendo exercício. Tive desejo de ser incorporado a êles.

Meu tio demoveu-me dêsse plano frisando que aquela escola era apenas para os filhos desamparados.

Despedindo-nos de nosso tio, voltamos ao hotel. Numa dependencia do prédio o estalajadeiro mantinha uma sessão de sêcos e molhados a cargo de um genro, homem bom e maneiroso, que se encarregava dos negócios da mesma.

O dono do hotel era um sujeito gorducho já queimando os seus sessenta janeiros. Tôdos os mêses tirava dois dias para tomar uma pinga. Amanhecia vestido de chambre de chitão á moda chita Paulista, alegre, cantando, batendo nas portas com um bastão, produzindo um barulho infernal de aborrecer tôdo mundo. O genro, por sua vez, pedia desculpa aos hóspedes advertindo que o sôgro estava curtindo o seu destino, mas, que sua cachaça, não ofendia a ninguem.

Do hotel a gente passava horas inteiras olhando com uma saudade e tristeza incompreendidas o marulhar de ondas revoltas e volumosas debatendo-se furiosas e quebrando-se nos rochêdos a pouca distância.

O pôrto, constantemente cheio de navios que entravam e que saiam, de botes, jangadas, barcaças bojudas de velas "pandas, enfunadas, concavas de..." barra a fóra.

III

Oito dias já se tinham ido quando os jornais anunciaram a data em que o vapor "Pernambuco" havia de ancorar. Chegára, afinal, depois de uma viagem cheia de embaraços.

Estávamos já de passagens compradas aguardando ordens de embarque.

O navio ainda ia demorar um dia no pôrto para despêjo de carga e passageiros. Era um velho barco carcomido pela ação corrosiva do iodo marítimo e do tempo já tendo direito a uma gorda aposentadoria.

Vinha cheio como lata de sardinha.

Logo que largára ferros recebeu a visita das autoridades sanitárias e da Capitania do Pôrto. Momentos depois rodeou-se de botes e canôas repletas de passageiros que se destinavam ao norte, de jornalistas e de curiosos, que iam interessados a visitá-lo.

Era que em seu bôjo conduzia os remanescentes do 27 Batalhão da Paraíba que havia tomado parte na campanha de Canudos de Antonio Conselheiro, na Baía. Os porões estavam abarrotados de feridos, mutilados, esfarrapados. Embarcamos ás duas horas da tarde com dificuldade tanto era o fecha-fecha de gente. A muito custo localisamos nossas rêdes e bagagens por cima das malas dos

passageiros, pois, não havia mais espaço nos porões do navio.

Minha rêde ficou vizinha a de um soldado bem mocinho e simpatico, de Guarabira, chamado Belísio, com a canela varada por projetil de *Manulicher* de jagunço.

Fôra baleado nos últimos combates de modo que a ferida não tinha ainda cicatrisado. Fizemos logo amizade. Contára-me que do 27 da Paraíba escaparam bem poucos. Deu notícia do sargento Antônio Sátiro de Sousa, de Pátos, que falecêra quando tentava saciar a sêde num charco na travessia do Cambaio. Depois de morto foi êle promovido a alferes.

Éra irmão do coronel Miguel Sátiro, ex-chefe político de Patos.

Vinha alí tambem a polícia do Pará composta de rapazes môços e fortes.

Mais de quinhentos, com destino àquele Estado.

Passamos o resto da tarde ouvindo histórias de Canudos e cuidando de ageitar nossa bagagem que se compunha de seis malas.

Anoitecêra. Cessára a lufa-lufa de bordo, tôdos dormiam.

IV

O "Pernambuco" suspendêra ferros a uma hora da madrugada e tomou rumo ao norte.

Quando o dia rompeu estavamos ancorados em Cabedêlo.

Tivemos lúgubre recepção.

O cais achava-se repleto de pessoas anciosas por notícias de entes queridos que haviam seguido para Canudos.

Um procurava o filho, mulheres indagavam pelos espôsos, irmãos, parentes, conhecidos, etc, tendo como dolorosa resposta, — morreu no combate de Monte Santo, no do morro da Favela, caiu fulminado por uma bala quando o pelotão seguia a travessia de Uauá... e assim por diante, era só o que se ouvia.

Houve muito chôro, lágrimas, prantos e gritos lancinantes.

Eu acordára ainda com a embriaguês marítima para assistir espavorido o desenrolar da cêna e dar ao Belisio o meu último aperto de mão...

Tomamos destino a Natal. Nêsse pôrto embarcaram mais alguns passageiros destinados ao Amazonas.

Continuando viagem, o "Pernambuco" singrava ás aguas do Rio G. do Norte em demanda dos "verdes mares bravios" cearenses.

De marcha vagarosa, cansada, quasi agonizante, o velho barco seguia aos tombos sucessivos como um ébrio dominado por cachaça. Os seus porões não comportavam mais um grilo.

Além dos quinhentos e tantos soldados da polícia do Pará contava-se, ainda, com parte do 4.º Batalhão de Infantaria daquêle Estado e do de Manáus e muitos passageiros.

Chegamos, finalmente, ao porto de Fortaleza.

Feitas as visitas protocolares o comandante recebeu uma lista de quinhentos flagelados para o Amazonas.

Era impossivel aceitá-la, não havia onde colocar essa gente, mas era tambem deshumanidade deixá-la.

Retidos nas estalagens de Fortaleza por alguns dias, os patrões não suportavam mais o dispendio dos sertanejos.

Recorreram aos grandes da terra e a horda embarcou, sem ter mais lugar onde acomodá-la.

As rêdes armadas, duas, três por cima das outras.

Com a chegada dêsse povo a bordo, surgiu logo um pé de briga.

Num recanto do porão, achavam-se armadas algumas rêdes pertencentes a um casal, com três mocinhas alegres, simpáticas. Um espertalhão achou de colocar a sua entre as das môças. O pai das meninas ao ter conhecimneto do caso reagiu furioso. Saiu desaforo de parte á parte. Os vizinhos intervieram a favôr do pai das moças, e o atrevido capitulou, subiu o tombadilho do navio indo ageitar sua rêde por cima do garajáu das galinhas.

Numa tarde limpa, de sol ardente e estorricante, partimos de Fortaleza. Já noite avançada contemplavamos do convés, ao Oeste, uma estrêla mul-

ticôr, ora brilhando muito para depois se apagar e reascender de novo.

Assim, passamos um bom pedaço admirando-a. Era o farol de Acaraú.

Paramos uns dez minutos em Amarração para deixar dois passageiros que iam ficar alí.

Não tocando em Tutóia e, passados uns dois dias, aportamos ao Maranhão.

A certa distância da cidade o navio ancorou. Em pouco tempo estávamos rodeados de botes e de catraias com seus balaios repletos de vendagens comestiveis, dôces, camarões, frutas, etc, para serem vendidas a bordo. Êsses negociantes compostos em maior número de mulheres eram quasi tôdos negros, poucos brancos viam-se alí.

Despachado, o navio continuou sua róta em demanda do pôrto de Belém.

Não se podia mais tolerar o ambiente de imundicie nos porões. Entristecidos, embriagados, vomitando no fundo de rêdes porcas jazia uma quarta parte dos passageiros.

Ao entardecer de certo dia o navio moderou de marcha, quasi parado, para receber o prático da Barca Farol. Estavamos na embocadura do Rio Mar.

Tomando o pilôto a direção da malaguêta penetramos no anfiteatro amazônico e já de bitáculas acêsas discortinamos o belíssimo panorama da cidade e pôrto de Belém.

V

A vista de termos chegado ao anoitecer, só podemos desembarcar no outro dia.

Dormimos e ao romper da aurora estavamos acordados, anciosos para nos livrar da velha e sórdida embarcação.

Fômos nos hospedar no Hotel das Duas Nações que pertencia a hespanhóes e portuguêses, razão por que tinha êsse nome.

Passamos nêsse hotel todo o mês de Outubro aguardando a partida do navio "Paraense", da firma Melo & Companhia, do Comércio de Belém, que havia de viajar para o alto Juruá em princípio de Novembro.

Assim, tivemos ensêjo de conhecer regularmente quasi toda cidade.

Assistimos à festa da igreja de Nossa Senhora de Nazareth com deslumbrantes novenas. Os festejos profanos consistiam em divertimentos vários, — carroceis, roda gigante, onda marinha, cosmoramas e outras diversões atrativas.

Encerrára-se a festa com procissão bem solene e grande multidão de fiéis que acompanhavam o préstito com respeito e devotamento.

Botes de tamanho natural erguidos em ombros possantes, cheios de creanças, trajadas a marujos,

viam-se no centro do cortêjo, alegres, risonhas, de beleza angelical.

A iluminação, à noite, — maravilha fascinante especialmente no largo da Pólvora.

Poucas eram as cidades do Brasil iluminadas à luz elétrica, nêsse tempo.

O movimento do pôrto — uma cousa assombrosa.

O comércio estrangeiro focalizára-se na praça de Belém atraido pela riqueza da borracha, da castanha e outros produtos regionais do Estado.

Retidos no hotel por espaço de um mês esperavamos a saida do "Paraense" que se destinava à foz do Tejo nos confins do rio Juruá.

Embarcamos nos primeiros dias de Novembro dêsse ano.

O navio saiu direto para Manáus. Gastamos sete dias. Por termos largado o pôrto de Belém alta noite deixamos de comtemplar a belíssima e vasta Baía de Marajó.

No outro dia o navio penetrou no estreito de Breves, levando algumas horas para transpô-lo. Chegamos em Manáus sem tropeço de viagem.

A demora nêsse pôrto foi de umas três horas e, despachado, seguimos à montante colossal do Solimões.

O "Paraense" deslocava em sua marcha oito milhas por hora.

Com dois dias de viagem, passamos na boca do Purús e ao completar cinco estavamos na foz do Juruá, isto navegando dia e noite.

Permanecemos nêsse pôrto umas duas horas. O Solimões mede doze quilômetros de largura, ali. Os pássaros de vôo curto como o tucano, o mutum, o jacú, o jacamim, o cojubim caem n'agua ao ten-

tarem vadear o fabuloso rio. Uma pessôa na margem oposta torna-se invisivel.

A uma hora da tarde, as máquinas do navio puzeram-se em movimento.

Deixamos o Solimões e penetramos no Juruá que se encontrava cheio de águas barrentas e forte correnteza.

Depois de oito dias de viagem ininterruptos, navegando dia e noite, passamos à foz do Tarauacá, principal tributário do rio Juruá e a poucas horas atracamos no pôrto da cidade São Felipe com suas quarenta ou cincoenta habitações na maioria casebres de palha.

Era séde de comarca e o último arruado do Estado do Amazonas.

Alí residiam o juiz de direito, promotor, tabelião e advogados.

Largamos cabo e seguimos... indo chegar ao seringal Nova Esperança depois de nove dias de viagem forçada.

Desembarquei só. Meu irmão foi mais além. Conduzia quatro malas cheias de roupas grosseiras, muitos pares de chinelos comprados em Pátos a mil réis o par, várias dúzias de facas de ponta embainhadas, adquiridas pelo prêço de oitocentos réis cada uma, fabricadas nas trinta oficinas de ferreiro, que existiam em Campina Grande, nêsse tempo, e mais o cosmorama.

VI

Era preciso vender essas mercadorias e, nêste caso, tornava-se peciso também ir até a bôca do Téjo, ponto terminal da viagem do "Paraense." Este chegára ao seu destino gastando, ainda, onze dias de viagem. Somando tôdas as etapas, o "Paraense" levou quarenta dias de Belém á foz do Téjo.

Meu irmão, ao saltar alí, comprou uma canôa possante para o seu regresso a Nova Esperança onde me havia deixado. Antes de partir, exibiu o cosmorama o que era gratis, com a finalidade, sómente, de divertir os seringueiros e concitá-los a compra das bugigangas conduzidas. Fez na primeira exposição regular apurado, vendendo as facas e os chinelos a dez mil réis, em troca de borracha.

Não existia dinheiro na região.

De Pátos, havia saído conôsco para o Amazônas um mulato esperto, divertido, improvisador de versos, chamado Miguel Arcanjo. Viajou com meu irmão de rio abaixo, auxiliando-o na canôa até chegar a Nova Esperança.

No trajéto da viagem, encostavam a canôa nos barracões à margem do rio e os negócios eram feitos com vantagem.

Os nativos ao verem o cosmorama e o realêjo com suas belas peças musicais, ficaram bestealisa-

dos e alguns pediam que deixassem puchar o veio da máquina.

A mercadoria escasseou em poucos dias e os itinerantes seguiram diretos para Nova Esperança, levando um baú ainda cheio para os seringueiros dêsse seringal.

Chegaram no fim de dezembro.

Grande foi a alegria ao desembarcarem.

O patrão e sua gente os recebeu de mãos abertas. Meu irmão, guarda-livros e gerente, havia já três anos, era estimadissimo e teve por isso, recepção formidavel.

O senhor João Marques de Oliveira dono do seringal, bom e maneiroso, não sabia ler.

Tomando meu irmão a direção da casa, o senhor Marques preparou-se para viajar ao Ceará, e trazer dalí uns quarenta homens para o serviço da borracha. Desceu no mesmo navio, que nos conduzira ao Juruá, quando de sua baixada encostára em Nova Esperança. Estávamos em janeiro de 98.

Em abril dêsse ano aquele senhor regressou dos sertões áridos do Ceará, onde conseguiu arranjar seus quarenta e tantos homens válidos, para o trabalho de seu seringal.

Trouxe uma companheira de estatura regular, bonita e simpática, alegre e jovial. Contava vinte e quatro anos e chamava-se Maria Mendes Maciel.

Era sobrinha de Antonio Conselheiro.

Eu trabalhava na venda do barracão, pesando café, açucar, arroz e tudo mais para os seringueiros, especialmente no domingo, quando êles chegavam do centro. Desejei tirar borracha ao lado dos seringueiros. Meu irmão consentiu que fôsse. Fui morar numa barraca, a duas horas de viagem, à margem de um lago imenso, bem piscoso, cheio de jacarés e suposta morada de uma grande sucurujú. Em

companhia de dois seringueiros "mansos", estive dois mêses, apenas. Tinham o nome de "brabos" os que chegavam alí pela primeira vez.

Acordava-se às quatro horas da manhã para se cuidar do café e do almoço ainda com escuro.

Cada um seguia sua estrada com machadinho de três centimetros de largura, golpeando as seringueiras e embutindo as tijelinhas de flandre abaixo do golpe. Conduzia mais a escopeta, um terçado embainhado à cinta e uma estopa atada nas quatro pontas, a tiracolo, para as caças que matava. No trabalho da estrada deparava-me sempre com o irapurú cantando. Parava para ouví-lo. Chegava para bem perto afim de conhecê-lo.

Voava junto a outros em bando que estava alí ouvindo a execução de sua melodiosa flauta. Nunca foi possivel divulgá-lo. Têm-no como encantado. Os bruxêdos de Manáus e Belém arranjam-no por intermédio de índios mansos, catimboseiros, e vendem-no embalsamado por bom prêço, destinado à sorte que o interessado desêje, — negócios comerciais, jôgo, conquistas amorosas.

Às dez horas, estavamos na barraca. Fazia-se uma ligeira refeição para voltar novamente á estrada e juntar o latex. Chegavamos quasi sempre às três da tarde. Iamos para o difumador preparar a borracha. O leite coagulava-se rápido ao ser levado à fumaça quente de buião de ferro com formato de funil de meio metro de altura dentro de uma casinha de palha (o difumador) adequada aquele trabalho.

Terminada a luta, iamos ao lago dar umas tarrefeadas, conseguindo-se trazer da pescaria bonitas curimatans, carauassús, pacús e tucunarés.

Na margem oposta do lago, moravam dois "bra-

bos." Em um domingo, fomos visitá-los. Receberam-nos alegremente. Haviam morto dois mutuns. Estavam de festa. A panela fervia exalando cheiro agradavel, temperada com pimenta e banha do Rio Grande do Sul.

Um dos companheiros de minha barraca, que era "manso", verificou as penas das aves de um lado da barraca. Não era penas de mutum e sim de urubú rei. Tomamos sómente uma chicara de café e voltamos á nossa residência. Os "brabos" já tinham comido o primeiro, não disperdiçaram o segundo.

Aos sábados, dirigiamos-nos para o rio com o fim de arrancar na areia das praias ovos de tracajá, que havia em abundancia nos mêses de julho e agosto, e os de tartaruga de setembro para outubro.

O passadio era excelente,—muita caça, peixe, ovos, porém ganhava-se pouco. Seringal já surrado no cultivo da borracha, única indústria que se explorava na região.

* * *

Em princípio de julho, as praias de todos os afluentes do Solimões estão já descobertas. No Juruá por exemplo elas são extensas medindo um quilometro ou mais de comprimento com largura de cincoenta a setenta braças de areia, da beira dagua ao aceiro do mato. Nêsse mês, os tracajás, pequenos quelonios, saem à distância — de dez a doze ou quinze braças dagua, abrem na areia da praia um buraco semelhante a uma panelinha e botam (põem) regularmente arrumados de vinte a trinta ovos. Cobrem-os de areia comprimindo-a bem e voltam ao rio. A safra de tracajás é de julho até agosto.

A das tartarugas é diferente. Elas começam primeiro boiando pelo meio do rio, observando as praias, isto no mês de setembro.

O Capitari (tartaruga macho) sáe na ponta de cima da praia, chega-se beirando o aceiro do mato, percorre quasi toda a praia descrevendo um arco, que tem por corda a beira do rio. Entra nagua. A fêmea começa a sair a uma hora da manhã visitando as praias e, ao deparar o rastro do capitari, respeitando-o, não o cruza, nem põe logo.

Depois de sairem muitas tartarugas, estabelece-se na praia o *taboleiro,* quer dizer que elas reunidas em grande número preferiram essa praia e só saem nela. Na ocasião que estão formando o *taboleiro* ninguem aparece alí porque do contrário elas cismam e nenhuma sáe, indo todas escolher outra praia, longe, a dois ou mais dias de viagem para cima ou para baixo do rio.

Na praia escolhida aparecem em grande variedade aves aquaticas, gato e cachorro do mato, onças, tudo à procura de ovos.

Vem gente de bem longe pegá-las e conduzir os ovos, não dando viagem perdida na praia.

Certa ocasião um seringueiro cortando a estrada que passava próxima a uma praia, notou de longe que as tartarugas haviam feito nela o seu *taboleiro* e àquela hora estavam botando os ovos.

Deixou o trabalho e correu afim de capturar as que podesse. Começou a virar as mesmas. Para o lado que olhava encontrava-as em quantidade.

Esteve nesse divertimento de grande lucro mais de duas horas sem que elas o ligassem. Conseguiu virar mais de quinhentas. Seguiu para o barracão do proprietário do seringal afim de comunicar o grande acontecimento.

O patrão comprou-as satisfeito, a cinco mil réis cada uma.

O felizardo ganhou mais de dois contos em duas horas, na brincadeira.

Com a gema do ovo, adicionando um pouco de farinha e açucar bem mexidos, temos o arabú comida excelente, deliciosa e fortificante.

Nas safras de tracajá e tartaruga, o seringueiro vive de pança cheia e confortado com os ovos que traz da praia quasi todos os dias.

Uma tartaruga põe de oitenta a cento e cincoenta ovos conforme o tamanho.

São completamente esféricos tendo o formato de um limão mediano.

Na época da safra, cozinha-se grande quantidade de ovos depositando-os em balaios forrados com palha, que se penduram no fumeiro da cosinha para se comer quatro, cinco mêses depois. Têm sabor de queijo de manteiga.

Uma tartaruga pesa de quinze a vinte e cinco quilos e sua carne é considerada como um dos melhores pratos da região amazônica.

VII

Na sua viagem à foz do Téjo, meu irmão soube que êsse rio era muito bom de leite e que nem todos os seringais dali estavam explorados.

Assim deliberou deixar Nova Esperança. Seguiu levando toda bagagem e cinco homens livres sem compromisso com o patrão, porque nada lhes deviam.

Por causa de negócios a serem resolvidos, fiquei para seguir em outro navio.

Passados vinte e tantos dias, eu que já estava de bagagem pronta, senti, em certa noite, alguem bater no punho da rêde para me acordar. Estava-se ouvindo o estrondo produzido pela hélice do navio. A pouco tempo, apitou chamando canôa para deixar correspondencia, no meio do rio. Era uma hora da madrugada. Em frente ao barracão, o navio moderou de marcha.

A canoinha rompendo, a custo de remos, a escuridão encostou no gaiola. Um marinheiro do portaló entregava às pressas as cartas e, ao mesmo tempo, recebia minha bagagem. Tal foi o vexame, que não apertei a mão do companheiro que me touxe ao barco.

Quando entrei, não achei lugar para armar a rêde. Navio pequeno, com 300 passageiros de prôa,

todos doentes de sarampo e desentería. A muito custo e com o auxílio do marinheiro, que me embarcou, atei a rêde a um canto.

Perguntou-me se já tinha tido sarampo. Não sei, respondi. O navio vai empestado, até aqui já ficaram nos barrancos do rio sessenta e tantos — Não levam remédio para essa gente ? perguntei. Qual remédio, amigo. Aqui não tem nada, nem médico, nem farmaceutico, a quem se recorrer. Estão se acabando à mingua. Só se ouvia gemidos e gritos lancinantes, que saiam das rêdes infetadas.

O dia amanhecêra. O navio encostou num certo pôrto para desembarcar dois que haviam falecido àquela noite. A imundicie era peior do que a dos porões do "Pernambuco."

Chegamos, afinal, a Bôca do Téjo, depois de uns poucos dias de viagem, cheia de tormenta. Metade dos passageiros desembarcou em braços para enfermarias improvisadas que arranjaram numas barracas de palhas, desabrigadas, próximas ao baracão. Dei graças a Deus ter chegado vivo contando a história.

Silvino encontrava-se no alto Téjo cuidando de arranjar colocação para sua gente. Chegou depois de três dias numa canôa de tamanho regular. Carregou-a de mercadorias e subimos nesse rio até onde se dividia em dois da mesma largura.

Por esse motivo, o seringal alí era conhecido por Duas Bôcas. Gastamos seis dias nessa viagem. Entramos no rio da esquerda chegando no seringal Belmonte, de bom leite, com metade a ser explorado.

A inconveniencia que tinha eram duas malo-

cas de indio-Cauxinauá e Catuquina a pouca distancia e ser sujeito a malária.

O proprietário João Lourenço do Nascimento, homem forte, destimido, analfabeto, indicara o mato onde tinhamos de localisar nossos oito seringueiros.

Para alí nos dirigimos e fizemos barracas quasi vizinhos dos índios.

Êstes, ao nos presentir, começaram a fazer malassombros com arremêdos de pássaros, entupimento de estradas que se faziam, mas sem investir diretamente.

Uns duzentos homens distribuiam-se às ultimas bibócas do Téjo considerado o melhor rio de leite da redondeza.

Um trabalhador conseguia seis, oito e até dez quilos de borracha por dia. Tôdos armados a rifle conduzindo, sempre, cada um, duzentos cartuchos no bornal.

Não acabamos de abrir o mato; quando soubemos que os índios tinham atacado uma barraca de quatro seringueiros. Repelidos a bala, correram.

Não morreu ninguem.

No ponto em que estavamos, o rio bifurcava-se, um com o nome Riosinho e o outro conhecido por Manteiga. Ambos muito estreitos. Havia ali três barracões e três proprietarios. Em qualquer emergencia difícil, socorriam uns aos outros.

Dado o incidente com os Catuquinas, os três chefes de barracões reuniram-se em Belmonte para combinar o que haviam de fazer. Era preciso uma

correría. Organisada esta expedição seguiu rumo ao nascente.

Cerca de três dias de viagem, descobriram um rio de proporções regulares, deshabitado. Examinaram ligeiramente para cima, para baixo. Só encontraram rastro de índios.

Como não iam preparados para exploração definitiva, voltaram alegres e satisfeitos com o precioso achado sem terem conseguido desvendar o roçado e barracão dos selvagens.

VIII

A noticia do achado provocou forte celeuma em todo rio Téjo.

O mundo em pêso queria se tornar proprietário, enriquecer com o adquerir seringais no decantado rio.

Organizada a segunda expedição, partiu esta depois de um mês.

Compunha-se de vinte e cinco homens, bem municiados, levando machados para improvisarem canôas, balsas, etc. e poderem, assim, enfrentar a perigosa jornada. Romperam a travessia em dois dias. O rio cobiçado, apesar de bastante largo, era raso, e suas nascentes bem distantes ao que se calculava.

Estavamos em franco período de verão.

Trataram uns de preparar canôas enquanto outros desciam e subiam a pé o rio para fazer reconhecimentos.

Quando andaram duas horas, depararam-se com uma posse, velho rancho de palha e as forquilhas com sinal de corte de machado.

Entristeceram. Aquêles vestígios já eram obra do cearense audacioso e conquistador que havia pisado alí

Firmára seu domínio e correra às pressas aterrorisado com o gentio. Ao chegar no lugar onde

os outros ficaram construindo o arremêdo de canôas, acabrunhados, narraram o resultado de suas infrutíferas pesquizas.

Regressaram tristes aos barracões, e foram surpreendidos com uma notícia desoladora: João Batista, proprietário do seringal São Francisco próximo aos nossos, à frente de oito homens, teve a ousadia de perseguir os Catuquinas. Localisou-os e travou luta com os mesmos. Viu-se forçado a recuar com seus companheiros e, ao transpor um igarapé, caiu varado por flecha mortífera. Enquanto o sepultavam na areia do riacho, faziam disparos atôa para afugentar o inimigo.

Nas correrias o pessoal não se dispersa. Marcha em fileira.

O índio astucioso prepara-lhe, no regresso, várias emboscadas.

Costuma jogar a flecha sempre no guia ou no do coice. Só tange uma, quer acerte ou não, e, desaparece ligeiro, imperceptivel.

João Batista como chefe e muito corajoso tomou a frente guiando seus companheiros e por isto foi o escolhido e alvejado pelos ferozes Catuquinas.

Após o enterro do cadaver, correram espavoridos para o barracão São Francisco gastando, ainda, três dias na viagem arrependidos de se terem envolvidos em tão desastrada empresa.

Com o insuceso da segunda expedição foi organizada mais uma terceira composta de seis homens para ir de rio abaixo até encontrar gente.

Ageitaram uma balsa, tocaram de rio abaixo indo achar as primeiras moradas a tres dias de viagem.

Os d'ali ficaram pasmados ao ver êsses homens chegados das bandas de cima.

Aí foi quando souberam que o rio em aprêço era o Tarauacá.

Apesar de estar quasi todo explorado, não hávia quem se atrevesse a firmar residencia dalí prá cima.

Voltaram aos seringais do Tejo obtendo noticias, certo de haverem desvendado o mistério.

Quando construimos nossas barracas nos confins do rio Manteiga, o matintapera rodeou-as por espaço de muito tempo cantando sem parar dia e noite.

Muitas vezes saíamos a persegui-lo sem resultado pois, quando nos aproximavamos a ponto de vêlo, seu canto deslocava-se num minuto para o lado oposto a regular distancia. É considerado ave agourenta, fatal. Em toda barraca construida de novo, rodeia-a por três ou quatro dias, cantando sem parar, de cinco em cinco minutos.

Passados êsses dias, desaparece. Durante os dias que cantava em redor à barraca despregou-se, em hora de chuva, uma faisca, com forte estampido não atingindo ninguem, felizmente. Estavamos jantando um mutum quasi aferventado e era sexta-feira. No domingo fomos ao barracão e observando a folhinha do ano verificamos que nosso repasto havia sido numa sexta-feira da Paixão, tendo nós, pois, perdido a noção do tempo.

Apesar dos perigos enfrentados conseguimos trabalhar todo o ano de 99 alí sem grandes consequencias. Apenas presenciamos um forte movimento císmico que durou uns quatro segundos com tremor de terra e prolongado gemido, atemorisando os habitantes de todo rio.

IX

Corria o ano de 1900.

Liquidando meu irmão os seus negócios, descemos de canôa no mês de janeiro para a foz do rio Mú. Ao passarmos na bôca do Môa, afluente do Juruá, encostamos no barracão dalí para fazermos umas compras.

Cerca de dois ou três anos depois fôra inaugurada nêsse lugar a cidade de Cruzeiro do Sul, cabeça de comarca do alto Juruá e seus afluentes.

Gastamos do alto Téjo ao rio Mú quinze dias. Ao anoitecer, encostava-se a canôa numa barraca ou barracão para dormir. A comida era feita no porão da canôa em caixão cheio de terra, onde se colocava fôgo sob umas trempes.

Chegados ao rio Mú, aí fiquei para ir morar em companhia de um primo ,João Cabral, gerente de seringal no mesmo rio Mú.

O mano viajou de Juruá abaixo mais doze dias. Chegára à foz do rio Tarauacá. Subiu nêsse rio trinta e cinco dias, em canôa.

Afinal chegou ao seu destino com as mãos corroídas pelo varejão e a caparrosa das aguas do rio.

Foi comprar um seringal. As propriedades alí eram de pouco valor por ser região doentia, contando ainda com as tribus Caxinauá e Catuquina, em numéro considerável.

Meu primo João Cabral procurou colocar-me como "caxeiro-vassoura" de seu patrão alí, na foz do rio Mú.

Era um velho de sessenta anos, violento, enraivecido por qualquer futilidade.

Fôra capitão do Exército e renunciára à farda para se entregar à cultura da borracha. Estava alí há muito tempo. Enriqueceu sendo proprietário de quase todo rio Mú.

Recebeu-me alegre. Desempenhava meu emprêgo de ponto e virgula para não ser admoestado. Em ajuste de conta com um seringueiro estúpido de nome Raimundo Moreira, que o agrediu e o forçou a emitir-lhe uma letra de cinco contos por não se conformar com os preços de mercadorias faturadas, mandou matá-lo e, por causa de uma melancia, tirada na praia sem a devida ordem, matou outro.

Brigava muito com a mulher. Numa sexta-feira da Paixão, surrou-a por três vezes a espadim. A mulher criava muita galinha e estas danaram-se a gritar nêsse dia. O velho aborreceu-se e mandou um sujeito espingardeá-las. Quando êsse indivíduo já tinha morto umas quinze, a velha partiu irada para tomar a espingarda e nisso o velho gritou: Passe fôgo nêsse diabo...

O rapaz não obedeceu à ordem, nem era doido para isso. O velho mandou juntar as galinhas e jogá-las no rio.

Não deixou ninguem as aproveitar. Era casado pela segunda vez e do primeiro matrimonio tinha uma filha, moça boa e bonita que a adorava. Um seringueiro ousado raptou-a.

Sairam ambos a uma hora da manhã em montaria veloz (pequena canoa) protegidos e envoltos por um plenilunio fascinante de encantar, de rio

abaixo, descendo, descendo sempre... Iam às pressas em procura de um lar amigo que os acolhesse.

Não havia um padre, um juiz que resolvesse em definitivo a situação.

São Felipe onde havia autoridades estava a dez dias de rio abaixo. Temeram ser perseguidos. Não lhes saiam da mente as explosões do velho quando sentisse a ausencia da filha de estimação ao amanhecer do dia. Notada a falta de Lóló bem cêdo o velho esturrou, gingou para um lado e prá outro, furioso, brutal. Quiz ir atraz dos foragidos, mas afinal, o guarda-livros e outras pessoas contiveram-no. — Não havia mais o que fazer, o geito era casarem-se, e se casaram mesmo.

Aturei-o pouco. Fui morar com meu primo dentro do rio Mú.

Alí passei os anos de 1900 e 1901, sem colher notícia de meu irmão Silvino.

Ganhei três contos de réis. Em fevereiro de 1902 recebí uma carta dêsse mano comunicando haver comprado um seringal no alto Tarauacá, supondo-se bom de leite, porém de muito índio e sezonado.

Adiantou mais que comprasse uma canôa possante e arranjasse alguns rapazes e fôsse.

X

Acertei minhas contas com o primo.

Comprei um batelão de três mil quilos de carga por um conto e oitocentos.

Arranjei três homens para irem comigo e o rancho da viagem.

Largamos de rio Mú abaixo e, chegando à sua foz, demoramos para nos despedir do snr. Francisco Freire de Carvalho o ex-capitão do Exército do qual nos referimos atraz. Estava de bom humor, recebeu-nos alegre, satisfeito.

Perguntou-me se tinha dinheiro para a viagem. Respondi que os três contos que ganhàra havia empregado na compra da canôa e outras despezas.

Ordenou que o guarda-livros fizesse uma carta de ordem para o dono do seringal da foz do Tarauacá autorizando-o fornecer-me o que precisasse. Ageitamos a canôa com tolda de palha contendo toda nossa bagagem.

Dormimos. Pelas dez horas caiu chuva torrencial que se prolongou ao dia amanhecer. Fomos ao porto, a canôa estava submersa vendo-se apenas de fóra os bicos de prôa e de pôpa. — Tudo molhado e perdido. A embarcação não foi embora por estar amarrada com inquebravel corrente. O snr. Carvalho nos forneceu viveres mais ou menos suficientes para a jornada. Seguimos e a poucas horas estavamos em

Nova Esperança. Tive com meus conduticios fidalga acolhida. Alí já havia passado no ano de 98. Tinha amisades bem radicadas com todos da casa. — Recebi de Maria Mendes Maciel e do esposo um abraço de quebrar costelas. Parabenizei-os. Não eram mais amancebados. Passara ali um padre verdadeiro e casàra a sobrinha de Antônio Conselheiro com João Marques.

Dizemos assim para distinguir o ministro de Deus de um embusteiro que andàra pela região casando gente.

Vindo não se sabe de onde, vestido de batina, de tonsura aberta e munido de pertences ao sacerdote, desceu o rio celebrando missas, casando, batisando e confessando. Enriquecêra. Não era conhecido no rio. Noutro lugar, bem longe, fôra identificado. — Escafedeu-se...

Demorei o resto do dia para enxugar a roupa húmida, quasi molhada. O rancho foi reconfortado com alguma cousa mais.

Ás cinco horas descemos, — iamos entrar pela noite, aproveitar um pedaço do luar.

Já havia decorrido onze dias de navegação. O rio cheio, espumante, conduzindo balseiros, furioso, coleava por entre a mata verde-escuro, gigante, destruindo barreiras, carregando tudo.

Ao pôr do sol, encostamos em um barracão para nos certificar da distancia de São Felipe. Se navegarem até às nove horas, amanhã cêdo estarão lá; — responderam-nos. A lua achava-se a pino.

Precisavamos adiantar viagem. Entramos pela noite. — Às dez horas procuramos encostar para dormir. Tangia-se a canôa para a margem em direção a um local supondo ser porto. Enganamo-nos. Era uma arvore frondosa. Nessa peleja a lua se pôz, o tempo escureceu e nublou-se. Começou a chuva. Enquanto

uns remavam, outros esgotavam a canôa. A tormenta foi ao dia amanhecer. Ficamos regelados. Tiramos a roupa, não se tolerava o frio.

Tinhamos que passar por muitos barracões. Dia claro, era peciso vestí-la toda molhada.

Graças a Deus avistamos São Felipe. Eram dez horas. — Saltamos para fazer novo rancho e enxugar a bagagem. Adquerimos mantimento em troco de uns trinta quilos de borracha que conduzimos. Á tardinha, descemos para foz do Tarauacá, distante treze voltas de São Felipe a aguardar transporte. Chegados alí, fui entregar a carta de ordem ao proprietário do seringal.

Êste havia seguido para o Ceará. O gerente nada resolveu. — Pedí que ao menos arranjasse barraca para nos abrigar. Era impossivel, disse. Todas do páteo ocupadas por caucheros peruanos, que chegaram das cabeceiras do rio Gregorio, afluente do Juruá e aguardavam navio que os conduzisse a Iquitos, (Perú).

Além de umas seis barracas cheias, viam-se mais de trinta cobertas de lona apinhadas de homens, mulheres, creanças.

À frente do barracão, no Juruá, via-se tambem um navio velho sem mastro, sem máquina e sem gente, flutuando ancorado. Fôra antes vaso de guerra peruano, e depois de imprestavel o adqueriram para servir de pontão.

Estava alí ancorado há um mês, aguardando a chegada de outros caucheros e um rebocador que o conduzisse também a Iquitos. Como não havia comodo em terra, o gerente disse que podiamos nos hospedar naquele barco.

Não tivemos mais conversa, tangemos a canôa pra lá. Os portalós do vaso estavam lacrados e tevemos de subir por uma escada de cabo de quatro me-

tros de comprido bandeando-se para um lado e outro. Compunha-se de três salões de doze metros de extensão cada um, com tôldo mas aberto dos lados.

Emcontramos no convés do salão de prôa um monte de conservas, — manteiga, sardinha, camarão, lombo de porco, em latas enferrujadas. — Mais adiante outro de feijoada do Rio Grande do Sul e doces. Abrimos uma lata de feijoada e outras de sardinha. O conteúdo estava perfeito. Ageitado o fogo esquentamo-las.

No salão de ré havia uma escotilha sem lastro e junto via-se uma mesa. Feito o café levamos os pratos a esta já iluminada com lamparina de querozene. Depois de satisfazer o estomago, ficamos um instante em palestra. — Iamos gosar um pouco durante dias naquela fagueira hospedagem.

Um companheiro sentou-se à cabeceira da mesa e ao levantar-se o primeiro passo a dar foi na escotilha aberta.

A queda fôra desastrada. Que fatalidade!

Desarticulou um pé, apenas, felizmente.

Só não morreu porque o porão tinha dois palmos d'agua de altura. Não havendo escada, tiramo-lo, a bem custo, com auxílio de cordas.

Armamos as rêdes junto uma das outras.

No dia seguinte, estivemos no porão de prôa. Estava cheio de tabaco peruano. — Indo ao barracão soubemos que as mercadorias em aprêço pertenciam a uma companhia de seguros, salvas de um gaiola que naufragára a poucas voltas do rio, e por se acharem deterioradas e não ter onde guardá-las colocaram no convés dêsse barco.

Apareceu-nos depois a bordo um seringueiro e contou-nos que não havia quem quizesse dormir alí porque o navio fôra de guerra tendo morrido nêle muita gente, sendo malassombrado.

Passamos retidos a bordo oito dias aguardando qualquer transporte para Tarauacá. Forramos logo nossos baús de tabaco protegido pela roupa.

Não se tratava de furto, a mercadoria em ruina pertencia ao seguro de Companhia rica, portanto aquilo era uma ninharia para ela.

Era de todos, ninguem aparecia alí para fiscalisá-la. E se existia alma do outro mundo a bordo não nos festejou. Não tinha mais o que nos mostrar. Estavamos senhores da botija,—doces, camarões, sardinha, manteiga, feijoada do Rio Grande do Sul e tabaco para fumar.

XI

Certa madrugada, acordamos ouvindo o barulho de navio que subia. Desarmamos as rêdes e ficamos de prontidão. Apitou ao defrontar o barracão para deixar correspondência.

Tomamos às pressas o batelãozinho e nos dirigimos chuvendo, no escuro, para o mesmo. Certificamo-nos que ia de viagem para o alto Tarauacá.

Falei passagem ao comandante que recusou terminantemente a cedê-la.

Fiz tudo, não houve geito. Mostrei a carta de ordem que trouxera ao proprietário do seringal dalí. Não a considerou. Tenha paciencia comandante, eu preciso ir seja como for, aqui é que não posso ficar, disse.

O relógio de bordo marcava duas horas da manhã. Estavamos todos molhados. Aleguei ainda que meu irmão era seringueiro abastado e logo que lá chegassemos êle pagaria as despezas. Não o convencemos.

Providencialmente surgiu nessa hora um caixeiro viajante de Belém.

Leu a carta e disse, — póde embarcar por minha conta. Isso é um documento forte, vale em toda parte.

Amarramos a canôa na pôpa do navio e embarcamos...

Amanhecemos o dia no seringal Macucáu, lugar aprasivel com algumas barracas e uma igrejinha coberta de folha de zinco.

O navio (Castilho) prosseguiu, passou à foz do rio Invira e a oito dias de viagem atracou na foz do Murú.

Deixando êsse porto continuou pelo Tarauacá acima andando sómente com o dia. O rio ia-se, aos poucos, estreitando e difícil à navegação.

No sexto dia encalhou na praia.

Passamos três dias esperando agua.

A notícia do incidente ecoou de rio acima. Meu irmão ao saber veio ao nosso encontro. — Trouxe um pouco de borracha e pagou as despezas ao comandante.

Ageitado o batelão tocamo-lo a varejão de rio acima. Chegamos a Redenção, seringal do mano com mais seis dias de viagem puxada.

Havia alí quarenta e cinco homens para abrir o mato. Seringal novo, ainda quasi bruto.

Encontramos o povo desprevenido de fumo ageitando cigarros de folhas do mato para cortir o vício. Quando abrimos as malas, viram os pedaços de cordas trazidos do porão do velho barco peruano amigo. Só faltaram perder o juizo de alegres.

Vimos um arsenal de guerra.

Todos armados a rifles e regularmente municiados. Havia alí grande perigo de vida. — A quinze minutos de viagem acharam roçado, bem grande, em abandono, mas continha bananeiras, mamoeiros e cana de açucar.

Pertencia aos Caxinauás que, pressentindo os civilizados firmarem domínio nas margens do rio, mudaram-se para bem longe no centro da mata.

Ora por outra vinham alí se abastecer, sorrateiros, invisiveis. Os seringueiros traziam, algumas ve-

zes, frutos dêsse roçado. Para todo lado que se rumava, viam-se nítidos vestígios dêsses cabôclos, mas sem se deparar com êles.

Experientes, matreiros, só deixavam os rastros nas passagens dos igarapés.

Na margem oposta, os seringais eram ainda inexplorados apesar de várias tentativas dos proprietários.

A dez horas de viagem, estavam os Catuquinas, tribu numerosa e valente. O seringueiro não conseguia se firmar alí sendo perseguido e sujeito a constantes emboscadas.

O selvagem oculta-se próximo à beira da estrada, imita o canto do nambú quando o seringueiro vem. Êste ao procurar divulgar a caça é alvejado por flecha certeira e cai estorcendo-se na agonia da morte. O inimigo fóge ligeiro, desaparece, imperceptivel.

Ocasiões há em que conduz o rifle da vítima. Por esta razão os seringais da outra margem estavam abandonados.

Ninguem se atrevia habitá-los.

A tribu de Redenção (Caxinauá) não era tão perversa. — No começo, limitava-se a tapar algumas de nossas estradas sem deixar os sinais da morte, — caça varada por flechas nos caminhos e outro avisos temerários.

Valemo-nos de São Sebastião.

Prometeu meu irmão rezar umas novenas em todos os janeiros dalí por diante. O fato é que trabalhamos todo ano de mil novecentos e três sem qualquer acidente.

Conseguimos extrair dezeseis mil quilos de borracha nêsse ano. Posteriormente, fez-se uma igrejinha para o santo milagroso e daí por diante

as novenas eram rezadas com a solenidade que podiamos dar às mesmas, com devoção e respeito.

Depois do bendito, eram dadas cerradas descargas de rifle.

Enquanto noutros seringais surgiam vez por outra notícias desastrosas, — ataques, ferimentos, morte de seringueiros, Redenção vivia em paz e sem graves acontecimentos.

——(o)——

XII

Com a notícia das vantagens de Redenção, o povoamento se intensificou de rio acima, por toda parte. O cearense atrevido assenhoreou-se até às cabeceiras. Alguns deixaram a vida naquêles confins de mundo em troca de umas quinze ou vinte curvas do rio já transformado em igarapé. Pouco importava que morressem, outros lhes iriam suceder. Era preciso engrandecer, dilatar a superfície da Pátria e assim evitar que o peruano surgisse pela divisão das aguas no Urubamba e se apossasse primeiro. Por isso morria um e chegavam cinco para o substituir.

Para aumento de revezes estouràra no rio Acre a luta do seringueiro com a Bolivia encabeçada por Plácido de Castro. O govêrno cruzou os braços sem o menor auxílio, sem enviar pelo menos um paneiro de farinha e uma saca de açucar para a *chibé* daquela gente.

As praças de Manáus e de Belém, que tinham seus capitais espalhados naquêle rio, viram-se forçadas a socorrer e ajudar, clandestinamente, com munição de boca e guerra o seringueiro que, num impeto de rebeldia cívica, insurgira-se não consentindo o estrangeiro tomar pé em suas terras.

A luta agravára-se de mais a mais com tendecia a periclitar a situação dos brasileiros ou melhor dos cearenses.

Plácido de Castro vendo as cousas um pouco turvas enviou ao Tarauacá um emissário com poderes de requisitar forças, dando patente de capitão para os donos de seringal que conduzissem pelo menos vinte homens.

Todo o rio acelerou-se, todo mundo queria ir.

Meu irmão e outros proprietários trataram de organizar elementos combatentes para seguirem á linha de frente.

Iamos sair quando chegou um outro emissário para comunicar que as hostilidades haviam cessado com a rendição incondicional dos bolivianos.

Fáto curioso é que, naquela época, segundo ouvi dizer, — não tenho certeza, — esteve também por lá o "colega" Getulio Vargas (colega na idade e na espingarda) incorporado às forças do coronel Antonio Olimpio da Silveira, veterano da guerra de Canudos, de Antonio Conselheiro, na Bahia. Entretanto, os batalhões do coronel não tomaram parte na ativa durante os combates da revolução acreana. Êle, o coronel, lá esteve, de fáto, mas para garantir a ordem e as fronteiras.

(Justifico chamar Getulio Vargas de "Colega", porque também estive incorporado a um batalhão de seringueiros, no rio Tarauacá, quando chegaram notícias da rendição dos bolivianos a 24 de janeiro de 1903.)

Terminada a guerra os combatentes proclamaram a independencia do rio em República Acreana. Adotaram um pavilhão como símbolo da Pátria e outras cousas mais.

Posteriormente, foi o litígio resolvido a favor do Brasil pela sábia diplomacia do Barão do Rio Branco.

O Govêrno Federal constituia-se senhor das terras em questão que dalí por diante nem eram

República Acreana nem tão pouco pertenciam mais ao Estado do Amazonas e sim ao Brasil. O grande Estado protestou o ato do Govêrno Federal e constituiu Ruy Barbosa, como advogado. Este abandonou a questão pouco depois.

Ficou criado o Território do Acre com jurisdição própria, independente, abrangendo o Alto Purús, o Juruá e seus tributários com área de cento e noventa e dois mil quilômetros quadrados conforme dados geodésicos feitos posteriormente, delimitada por uma reta que partia do rio Abunã afluente do rio Madeira às cabeceiras do Javary. Foram criados os Departamentos do Alto Acre, Alto Purús e Alto Juruá. Neste último foi inaugurada, na foz do rio Môa, a cidade de Cruzeiro do Sul, tendo como Prefeito o General Gregório Thaumaturgo de Azevêdo, que nomeou os tenentes do Exercito, Guapindaia, delegado do Juruá, e Luiz Sombra, do Tarauacá, com atribuições de resolverem todos os problemas atinentes ao policiamento e negócios dos rios.

Em todos os seringais encontrava-se uma autoridade investida de poderes, — o Inspetor de Quarteirão.

Coube a mim, em Redenção, esse *belo emprego*. Todas as brigas e encrencas, que surgiam, eram resolvidas pelo Inspetor que, depois dava conta ao "tenente" dos ocorridos em sua circunscrição.

Desempenhei o cargo por espaço de um mês passando o exercício a outro.

O Sombra pintou horrores, — prisões violentas, humilhações, causando vexames aos tímidos. Muitos, ao ter notícia de que êle vinha pelo rio, fugiam para o mato. Viajava o delegado em batelão com três soldados apenas.

Quando voltava do alto do rio, conduzia dez, doze criminosos para Cruzeiro do Sul.

Andava à paisana. Passando, certa vez, no porto da barraca de um seringueiro, onde o rio era entupido de páus e a custo a canôa passava, desviando-os, o Sombra ralhou áspero com o mesmo por não conservar o rio limpo nesse local.

O seringueiro respondeu-lhe que não era fiscal de rio. Pouco estava se incomodando com o seu entupimento. — Você sabe com quem está falando? Não, porque nesse rio está andando muito vagabundo, respondeu o seringueiro.

O tenente não deu palavra, tocou de rio acima. No primeiro barracão que encostou deu ordem ao Inspetor de Quarteirão para prender o sujeito. Na volta, quero-o preso, disse. O Inspetor foi sozinho à casa do revoltoso, conversar sôbre o assunto. Este declarou que não se submetia a ninguem.

Mas você desobedeceu à autoridade, aquele senhor é o tenente Luiz Sombra, falou o Inspetor! Não o reconheço como tal, passou aqui um indivíduo sem farda agredindo-me, por isso reagi e reajo tantos apareçam, respondeu o seringueiro.

Quando o Sombra chegou, perguntou ao Inspetor: Cadê o homem?

Está na barraca e não obedece a ninguem, respondeu. Disse que V. S. não estava fardado e o dono da casa era êle.

O tenente vestiu o dolman e desceu com seus três homens. Chegando à barraca encontrou a mulher daquele valentão chorando.

Daí a pouco o seringueiro saiu do mato armado até os dentes, dizendo: — Agora reconheço que estou diante de autoridade. Baixou a boca do rifle e entregou-se à prisão.

O seringueiro conhecia disciplina militar, havia sido soldado na campanha federalista do Rio Grande do Sul.

O tenente Sombra viu que aquele sujeito era de muita fibra.

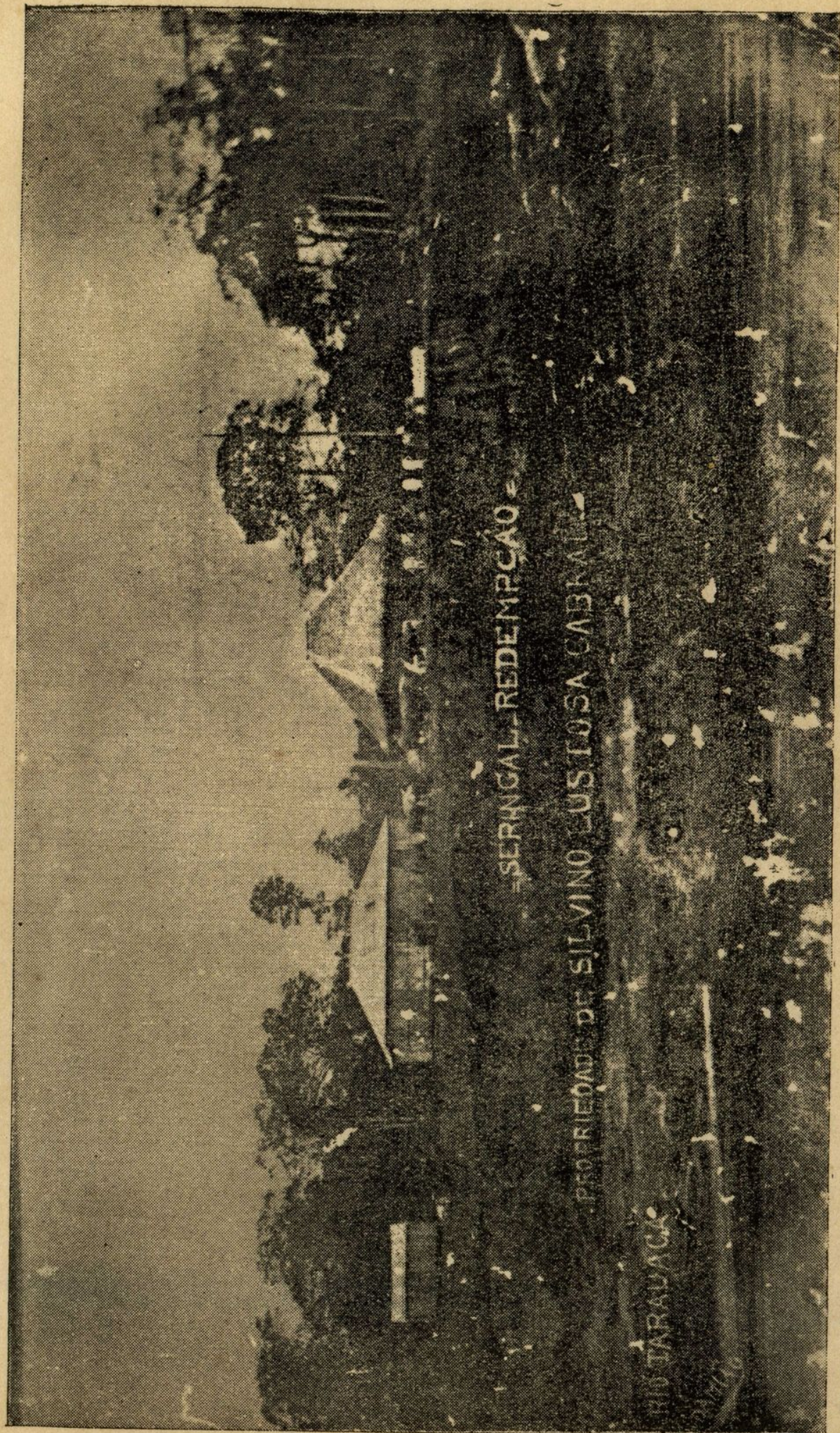
Relaxou a prisão.

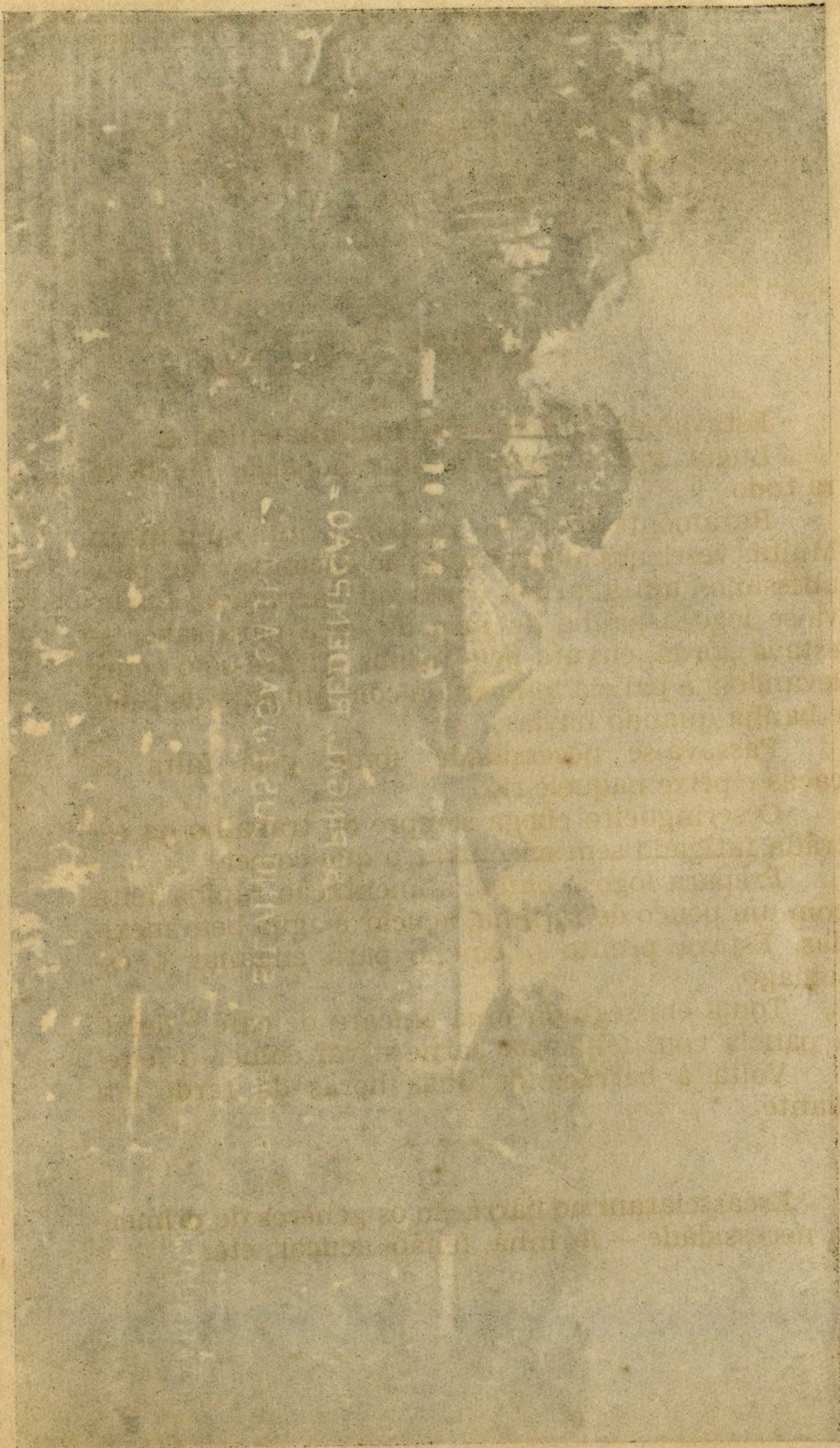
* * *

Nesse tempo esteve em Redenção o padre Antônio Fernandes. Benzeu a igrejinha e celebrou missa.

Convidou-me, antes, para ajudá-lo, respondi que não sabia. O sacerdote oficiou sem o sacristão... Não me envergonhei, pois, das cincoenta e tantas almas que se achavam alí presentes, não se tirava uma que desempenhasse a missão. Não houve batisado, confissão nem casamento. Alí não existia mulher, elemento esse indispensavel em toda parte.

Era tio do general Juarez e do atual deputado Fernandes Távora, do Ceará.

Todo dinheiro que ganhava era para educar os sobrinhos. Falava bem a lingua do gentio.

Velha fotografia do "Seringal Redenção" no Alto-Tarauacá, (Amazonas) pertencente a Silvino Lustosa Cabral, onde o Autor deste livro, seu irmão, passou longos anos.

Velha fotografia do "Seringal Redenção" no Alto-Tarauacá, (Amazonas) pertencente a Silvino Lustosa Cabral, onde o Autor deste livro, seu irmão, passou longos anos.

XIII

Estavamos em Redenção mal alimentados.

Lugar que tem indio não há caça, êle devora tudo.

Raramente abatia-se um porco, anta ou mutum. Muitas vezes nos alegravamos ao encontrar nos páus altíssimos um guariba, coatá ou barregudo. Cortava-se logo a palma da mão da caça para saber se estava gôrda, enxuta pelo menos. Tirava-se o couro levando-a à panela temperada com pimenta do reino e banha quando havia.

Passava-se necessidade, fome, pela falta de caças e peixe naquele rio.

O seringueiro chega sempre do trabalho da estrada fatigado sem encontrar o que comer.

Prepara logo a *chibé,* alimentação rápida feita com um pouco de farinha, açucar e agua bem mexidas. Estava pronto o lanche para enganar o estomago.

Toma em seguida uma chicara de café e deixa a panela com feijão ou carne e vai colher o leite.

Volta à barraca de duas horas da tarde em diante.

* * *

Escasseiaram no barracão os generos de primeira necessidade — farinha, feijão, açucar, etc.

Quando cheguei ao Tarauacá com os três companheiros do rio Mú não cortei seringa, havia outros problemas de necessidade a resolver. — O mano determinou que fossemos preparar um roçado. Fizemo-lo bem a custo, com mandioca, milho, cana e banana. Providencialmente andou por alí um carpinteiro e preparou um engenho com três moendas de madeira em posição vertical com manjarras e também um aviamento para farinha.

Nos dias de segunda e terça, preparava-se farinha, quarta e quinta colhia-se o feijão, que, secado, era batido. A sexta e sábado eram reservados à moagem, conseguindo-se de cem a cento e vinte quilos de rapadura.

No domingo chegavam do centro os quarenta e cinco homens. — O que se havia produzido na semana era distribuido com todos êles. Voltavam às suas barracas e nós continuavamos na semana seguinte no mesmo rojão contanto que o seringueiro não suspendesse o trabalho por falta de comestiveis. Estivemos nessa luta de julho a novembro. Eram quatro maquinasinhas de carne e osso em movimento contínuo.

Nessa época, os navios de Belém e de Manáus viajaram para o Tarauacá sem conduzirem sal. Ou por isso ou por aquilo os armazens do comércio dessas praças estavam desfalcados da mercadoria de modo que os navios subiam sem a levar.

Fomos nos arranjando com o que sobràra do do outro ano o que afinal acabou-se em pouco tempo em todo o rio.

Aguentamos cinco mêses privados desse alimento sem ter para onde apelar.

Comiam-se a carne e peixe assados porque cosidos eram intoleraveis.

Quando o sal apareceu naquelas praças já era tarde. Os rios haviam secado sendo os transportes feitos em lanchas de pouco calado e estas mesmas não conseguiam chegar ao alto dos rios. Por isso, passamos essa temporada comendo ensôsso como o selvagem.

Eu, meu irmão e três rapazes descemos à foz do Murú atraz de mercadorias.

Na metade da viagem, tinha que voltar um com qualquer mantimento para socorrer o pessoal de Redenção, que se achava desprevenido de tudo, contando, apenas, com munição de armas e outros diminutos recursos. Era isso no seringal América, que dispunha de um bom sortimento de mercadoria exposta a venda.

Alí arranjou-se uma canôa possante e fui eu escalado para voltar. À tarde, carregamo-la com seis paneiros de farinha, banha, querosene, arroz, balas, uns quatrocentos quilos de carga ao todo.

Pela manhã, os companheiros desciam para a boca do Murú enquanto eu subia só tangendo a canôa a varejão em busca de Redenção. — Ao meio dia, encostei a canôa, e debaixo de uma sombra amiga fiz o fogo, esquentei uma lata de sardinha e comi. Feita a refeição, segui viagem. Às cinco horas da tarde, deparei um roçado tendo no centro uma barraca. Notei que estava deserta, não havia fumaça nem gente. Passei ao largo afim de ver se conseguia outra morada perto. Não fiquei alí temendo dormir só. Quando transpuz duas voltas, o sol desaparecia no ocaso. Escureceu. Não tinha mais o que tentar nem pra cima nem pra baixo. O rio entulhado de paus corria perigo de naufragio.

Encostei a canôa à margem, amarrei-a e subi

a barreira de dois metros de altura com saco e rifle agarrando-me nas raizes de árvores encontradas alí junto.

Armei a rêde e mosquiteiro.

Sentei-me na mesma. Começou uma chuvinha, que parou logo.

Com o rifle atravessado sôbre as coxas puz-me a rezar. Tive receio de onça ou outra féra qualquer aparecer-me.

Ainda bem não terminava a reza, ouvi perfeitamente o som da fala de gente a umas trinta braças distantes sem compreender eu uma só palavra.

Notei a conversa de duas pessoas e o dialogo prolongou-se por muito tempo, mais de duas horas. Fiquei imovel sentado com a arma de prontidão. Só pude conciliar o sono quando elas se calaram.

Deitei-me na rede com o rifle ao lado. O enfado era grande, tirei o resto da noite de um sono.

Acordei ouvindo o canto do galo de campina. O dia vinha clareando.

Levantei-me, corri às pressas para a barranca e ví a canôa em paz.

Desarmei a rêde e viajei de rio acima, indo encontrar moradas pelas oito horas do dia.

Conversando sôbre o local da dormida, informaram-me não residir ninguem alí e que a única morada naquêle trecho de rio era a que eu divisàra às cinco horas da tarde.

Tomei um café e continuei a viagem tendo cuidado de não mais dormir só na mata bruta.

Levei cinco dias do seringal América para o de

Redenção. Chegei à tardinha e, antes de saltar, o porto estava cheio de gente ansiosa por minha chegada, pois, alí faltava tudo.

Vinha com as mãos retalhadas pelo esforço de tanger a canôa a varejão.

——(o)——

Redenção. Chegei á Jardinha e, antes de saudar, o porto estava cheio de gente ansiosa por minha chegada, pois ali faltava tudo.

Vinha com as mãos retalhadas pelo esforço de tanger a canôa a varejão.

——(o)——

XIV

Como dissemos noutra parte, a dez horas calculadamente de viagem, na margem oposta do rio de frente ao seringal Redenção, moravam os Catuquinas.

Atacaram uma barraca de seringueiro do lugar Primavera próximo do nosso.

Mataram três pessoas e roubaram o que haviam encontrado.

De pronto, foi organisada uma correria.

Era preciso ação pronta, decidida, urgente. Compunha-se de vinte homens com trezentos cartuchos Winchester cada um. Redenção forneceu quatro rapazes, o resto foi arranjado em outros seringais. Penetrando na mata, foram dar com a malóca depois de terem andado quase três dias. Roçado enorme cheio de lavoura, num planalto e no centro o barracão semelhante a circo de cavalinhos tendo duas portas, coberto de palha, salientando-se um mastro com lugar para sentar-se o espia que descortinava grande parte do roçado.

Tomaram chegada às seis da tarde, hora em que o selvagem costuma estar em casa reunido. Dormiram a certa distancia do aceiro. Às cinco da manhã, avançaram formando cerrado tiroteio.

Aos gritos alarmantes, saíam os indios correndo

por uma porta e outra e, nesse momento, os tiros certeiros dos atacantes punha-os por terra.

A mortandade foi grande mas escafederam-se muitos.

Aproximando-se do barracão conseguiram prender uns quinze colomis de oito a dez anos. Os novinhos deixaram. Voltaram conduzindo macaco, papagaio, arara, mutum, jacamin, arcos, flechas, maqueiras, etc.

Cada um que trouxesse uma novidade.

Muitos, ao se por em contácto com essas cousas, vomitavam e as deixavam pelo mato, tal era o almisque.

No regresso, os prisioneiros começaram a gritar demais sendo preciso abandoná-los, deixando-os atôa, perdidos. Outros praticavam selvageria destampando a cabeça dos inocentes com balas.

Assim a maloca inteira deslocou-se para lugares distantes sem mais voltar a massacrar os trabalhadores dos seringais dalí. //

* * *

Apesar das amarguras quotidianas, tinhamos também algumas horas de alegria. Em noites de São João reunia-se o pessoal no barracão. Todos os seringueiros procuravam trazer nesse dia uma caça para o repasto da festa. Uns cuidavam da comida, outros preparavam o café torrado enquanto alguns se empregavam no preparo da fogueira.

Á noite, improvizavam-se dansas animadas, — schots, valsas, polcas, quadrilhas, polacas, até o dia amanhecer.

Alguns traziam uma carapuça de pano à cabeça para se destinguirem como damas. Bebia-se a cântaros com cerrados tiroteios ao pé da fogueira.

Bem cêdo iam todos ao banho no rio que era bem raso.

Nesse dia pela manhã a agua é considerada benta, e por isso o banho é indispensável.

Santa Izabel passára a noite inteira embalando o filho amado que ainda dorme e não acorda ao estrugir dos rifles e da algazarra dos seringueiros.

Ao voltar do banho, cuidam de se arrumar e seguem para suas barracas.

De uma feita, passamos o São João num seringal bem distante do nosso.

Fomos por ser a festa grandemente concorrida. Havia nesta uma novidade séria, — a presença de quatro mulheres.

Descemos de rio abaixo e penetramos num igarapé que ia ter a um lago de aguas tranquilas e de amplitude magnifica à margem do qual achava-se a barraca da festa.

Ao nos avistar de longe, saudaram-nos com fortes descargas de rifle ao que em cortezia agradecemos detonando as nossas armas.

O soalho da dansa fôra feito de paxiúba (palmeira) de plano irregular, concavo-convexo como telhado de casas.

Dansavam quatro mulheres bem maduras na idade e três em estado interessante muito adiantado.

Sustentaram o baile até o dia amanhecer...

* * *

Constituia também diversão interessante o Judas.

Na sexta-feira da semana santa, prepara-se o intruso vestido de roupas velhas, modelando-o com os detalhes precisos.

Bem cêdo é colocado em balsa quasi sempre de

bananeira e sobe-se com êle até a primeira volta de rio.

Larga-se no meio d'agua e volta-se ligeiro ao porto. Já alguns rifles estão alí de prontidão para crivá-lo de balas. Desce levado pela correnteza recebendo descargas inteiras até encobrir-se na volta abaixo.

Mais tarde vem outro e mais outros nos dias seguintes, todos recepcionados a bala ao serem divulgados.

O seringueiro gasta grande quantidade de munições nesse divertimento ingenuo e imbecil detonando caixa e mais caixa de balas Winchester em prejuizo de seu bolso.

——(o)——

XV

Outro fáto, de véspera de São João, passarei a contar:

Dois seringueiros, colegas da barraca Taxi, tinham despertado muito cêdo, às 2 da madrugada, com o fim de, antecipando as trabalheiras daquêle dia, também festejaram a noite do Santo.

Eu lhes fiz companhia pelas 3 horas da manhã, quando o almoço já estava pronto. Passamos, assim, os três, a saborear a carne do macaco coatá com pirão de farinha dagua, que fôra aferventada bastante, à bôca da noite do dia anterior.

Êles, no entanto, equipados e regularmente municiados, seguiram de lamparina acêsa para suas estradas, ouvindo, apenas, de instante a instante, o pio agourento das aves notívagas.

Foram-se.

Fiquei sósinho, triste e pensativo, com vontade e receio de me embrenhar pela mata escura naquela hora. Refletindo, criei "alma nova". Era um fracasso vêr os companheiros se desocuparem bem cêdo das lutas de suas estradas e eu ter que, na barraca, esperar que o dia clareasse.

Resolvi seguir também, acompanhado por um cachorrinho esperto.

De rifle e lamparina à mão, golpeava as serin-

gueiras e embutia as tijelinhas de flandre na casca meio móle da árvore.

Cortava uma, mais adiante outra, e, assim, ia desempenhando meu ofício com muita calma, resignação e coragem.

A umas quinhentas braças de nossa barraca, existia um velho roçado encapoeirado, pertencente a tribu Jamináua, que, pressentindo nossa chegada, afugentára-se, havia alguns anos, para mais longe.

Viu que nossa invasão a seus domínios era positiva, inexoravel.

Por esta razão, mudára-se, tornando-se qual nômade, sem um ponto certo de morada. Vêz por outra, alguns cabôclos vinham, às escondidas, cautelosos, abastecerem-se de frutos dêsse roçado, pois, ainda viam-se na capoeira frondosas touceiras de banana, alguns mamoeiros e cana de assucar.

Só não investiam contra o civilizado, porque tinham a certeza que a reação era tremenda, brutal.

O receio e mêdo, porém eram recíprocos.

Minha estrada margeava poucas braças o tal roçado, que também nos abastecia. Sempre que por alí passava, lembrava-me ser aquilo propriedade do selvícola, que não esquecia de vir buscar os seus frutos sazonados.

Nessa madrugada, mais nítidamente gravàra-se em mim o perfil astucioso do índio jamináua, e, assim, ia cortando as seringueiras, sempre acompanhado pelo cachorrinho até que o dia amanhecêra.

Quarenta seringueiras foram cortadas, um têrço, portanto, do trabalho estava feito, ao clarear do dia.

Cheguei ao local, onde se deixa o balde para conduzir o latex, depois da estrada cortada.

O referido local tinha o nome de *feixe da estrada*, porque o seringueiro entrava por um cami-

nho (perna da estrada) e, depois de ter andado e cortado umas setenta a oitenta madeiras, vinha chegar ao lugar donde saiu. Quando terminava o corte ia colhêr o leite até chegar à barraca. Defumava-o, transformando-o em borracha com o auxílio da fumaça bem quente em buião de ferro com formato de funil.

Como disse, logo que cheguei ao "feixe da estrada", o dia amanhecêra.

Para andar mais folgadamente, escondi a carabina no tronco de uma árvore grossa e cobrí-a de fôlhas secas. Continuei o trabalho desarmado. Quando havia andado uma hora, mais ou menos, o cachorrinho amigo, que ia à frente umas oito braças, volta-se para mim correndo assombrado, covardemente.

Pensei tratar-se de algum felino.

Empunhei o terçado e apressei a marcha para diante, pois ia subindo um *cabeço* (morro) e ao descortinar o planalto avistei dois vultos correndo velozes atraz um do outro.

Eram, não restava dúvida, dois aborigenes que, ao me pressentir, fugiam amedrontados.

Lembrei-me do rifle, que ficàra escondido nas folhas, no "feixe da estrada". Com os meus botões disse, — estou frito, mas... São Sebastião é grande!

Onde a estrada fazia volta para chegar ao "feixe", achava-se localisada a barraquinha de três seringueiros e a distancia a vencer era pequena.

Avancei às pressas e, ao vislumbrar o pequeno roçado com alguns pés de macacheira, criei ânimo.

Um camarada acocorado à beira do fogão, tomava uma caneca de café com um pouco de farinha.

Com a fala ainda tremula, contei a história como se havia passado, sem que meu interlocutor estarrecesse com o episódio. Apenas deu-me um pou-

co de café e parte de sua merenda. Dizia, fleugmaticamente, — "todos os dias estou a encontrar vestígios dêles na minha estrada, porem não me deparei nem os vi ainda." "Conforme sua história, creio que você não achará mais o seu rifle no logar que deixou."

Tenho um aqui, póde leva-lo. Despedi-me e segui conduzindo no bornal umas cincoenta balas.

Ao passar uma ponte um tanto alta, na metade da viagem ao "feixe da estrada," onde ficàra o rifle, tive de aguentar fortes assovios como uma vaia que me davam.

Atravessei a ponte e segui marcha pressurosa. Ao chegar ao local do destino, encontrei, felizmente o rifle debaixo das fôlhas.

Alegrei-me bastante, mas tive de ir colhêr o leite atormentado com o pêso dos dois rifles até a barraca do seringueiro onde havia tomado o café.

Às onze horas, estava de volta à barraca.

Defumei o latex, tomei banho no igarapé, troquei de roupa, almocei carne, assada na brasa, de macucáu que havia morto.

Com os companheiros, segui ansioso para dansar e tomar aguardente no barracão.

Não existia mulher na festa.

Era mais uma véspera de São João.

* * *

A esta altura, façamos um parentesis para descrever como, ao tempo em que estive dez longos anos no Amazonas, viviam os indios, nas cabeceiras dos afluentes da margem direita do Alto Juruá, inclusive o Tarauacá. Eram as tribus Catuquina, Caxinauá, Jaminâua, Colina e outras. Tinham o

mesmo dialéto com pequenas modificações. Pôr serem muito perseguidas pelos civilizados, tornaram-se quase nômades.

A horda de invasores apoderára-se de suas habitações e roçados, enxotando-as a bala para o centro da mata bem distante das margens do rio. Tivemos ocasião de vêr roçados colossais em abandono, ainda com milho, mandioca, cana, bananeiras, algodão para a corda dos arcos. Evadiram-se, todavia, os selvagens, com mêdo, mas cautelosamente alí apareciam para abastecer-se.

Também criavam cachorros e galinhas.

Os roçados eram feitos com muito sacrifício uma vez que êles não posuiam qualquer ferro de cortar. A sua ferramenta era o fôgo. Assim, vejamos como faziam sua agricultura:

Ateiavam fôgo em coivara nos troncos das árvores, em outras e outras mais. As árvores morrem, as fôlhas caem, os galhos apodrecem com o tempo e também caem e o roçado vae deste modo crescendo vagarosamente, crescendo sempre, até que depois de alguns anos toma proporções desmedidas.

Um outro irmão meu, de nome Virgilio, relacionou-se com os indios jamináuas, semi-mansos. Foi com três companheiros à maloca e teve de andar seis horas dentro do roçado para chegar ao barracão dos selvagens.

O aborigene, como sabemos, é de índole preguiçosa e indolente, desconfiado e ciumento. Quem fôr a uma aldeia não faça motejo, todo cuidado é pouco.

Ficaram pasmados ao ver a enormidade do roçado, que sustentava mais de mil almas conforme observaram e calcularam. Metade dos indios trabalha na agricultura, revesando-se constantemente.

São bastantes sadios. Desconhecem molestias

venereas e seus dentes são quasi imunisados da carie dentaria. Raro é o que tem ferida "braba".

Sujeitos, porém, a gripes no fim do inverno, que os tortura fortemente.

Simpaticos e perfeitos de fisico.

Nunca se vê um indio aleijado.

Dizem que se, ao nascer, a criança tiver defeito fisico grave, o pai, de ordem do chefe da taba, mata-a novinha, pela razão de não poder manter-se com seu proprio trabalho, quando crescer, nem achar quem a sustente.

* * *

As flexas são obtidas da cana brava, encontrada abundantemente, nas margens do rio, tendo preacas de tabóca encastoada numa das extremidades, ou de madeira, com mais de um palmo de comprimento e denticuladas.

Penetrando na caça ou numa pessoa, dificilmente é retirada porque só pode sair rasgando a carne.

O indio chama o negro de Tapaiuna. Odeia-o e tem do mesmo grande aborrecimento.

A lógica dessa gente é extravagante, mas no fundo há um pouco de razão para isto. Ninguem quer nem pode trabalhar para o outro. Cada qual cuide de si.

Aparam o cabelo com um tiçãosinho de fôgo apropriado.

Imberbes por natureza, tendo pêlos abundantes somente na cabeça.

Há indios bonitos e feios-simpaticos.

Bernardo Costa, amazonense bem civilizado, ao explorar seu seringal Primavera, no medio Juruá, en-

controu no interior de sua propriedade a tribu dos Canamarys.

Destribuindo brinquedos, maracás, espelhos em certos pontos que os indios achassem e sabendo um pouco da lingua geral, conseguiu domar toda a tribu.

Num certo dia, viajàra para o seringal Liberdade, do sr. Francisco Freire de Carvalho, em canôa tripulada por quatorze indios dessa maloca.

Eram todos de vinte anos abaixo, vestidos de calça e blusa e uma carapuça de pano à cabeça.

Um sacerdote, que passàra em Primavera, batizàra-os com os nomes bíblicos. Assim viam-se alí, — Adão, Noé, Salomão, Mahomeh, Jacob, Sansão, David, Abrahão, Elias, etc,.

Todos que ví eram de estatura mediana e bonitos.

Como já foi dito noutra parte, o barracão da malóca é colocado no centro do roçado e de sistema parecido a circo de cavalinho, tendo duas portas uma ao Sul e outra ao Norte, fechado de madeira e coberto de palha de palmeira jacy ou jarina.

No centro do barracão, salienta-se um mastro e no vertice da coberta encontra-se uma cadeira de cipó destinada ao indio vigia, que dalí descortina todo roçado.

Nas festas usam maracás, gaitas de taboca, boré e um zabumba feito de tóro de madeira ôca, grosso, coberto só de um lado com couro de veado ou de porco.

Nas dansas fazem bastante algazarra animados com o efeito da *Caissuma,* que bebem em quantidade.

Com o dia uns vão caçar, pescar, enquanto outros preocupam-se nos labores da agricultura de seus roçados. Cada familia tem a sua maqueira (rêde de

cipó) e debaixo da mesma um foguinho regularmente acêso para afugentar a carapanã e o morcêgo.

A arma predileta é o arco feito do tronco das palmeiras, — popunha, bacaba e patauá, de forte resistência ou de madeira rija como, — a paracoúba, itaúba e o pau-darco.

——(o)——

XVI

No seringal São Raimundo, no Riosinho da Liberdade ou rio Mú, no Amazonas, pertencente a Antônio Barroso, morava um seringueiro, natural de Pombal, Estado da Paraíba, cujo nome nos escapa à memória.

Era um sujeito de côr branca, regular estatura, bem apessoado.

Com a imprevidência caracteristica de nossa gente chegára a êsse seringal conduzindo familia composta da mulher, D. Julia e dois guris. Deram-lhe colocação a duas horas de viagem à margem de um igarapé. Trabalhàra alí já havia decorrido três anos sem poder libertar-se da conta que, dia a dia, avultava, contraida com seu patrão.

Adoeceu de ferida braba de proporções exquisitas. Sem recursos e meios vivia acamado sofrendo cruciantes torturas com sua gente.

O patrão não lhe fiava o sustento para si e sua desditosa prole, que já passava a se arrimar da caridade de algumas almas piedosas que, vez por outra, apareciam alí.

No referido lugar morava um seringueiro de nome Paulino de Azevêdo Sombra, de Aquiraz, Ceará.

Trabalhador, econômico, conseguiu acumular no Contas Correntes do patrão sua meia duzia ou mais de contos de réis. Crédito era só quem tinha.

Ant.ônio Barroso considerando a divida do marido de D. Julia totalmente perdida, soltou ao Paulino uma *graça*.

— Se quizer pagar a conta daquêle sujeito eu vou arranjar a mulher (dêle) para você.

Paulino riu-se, achou a proposta interessante, mas, objetou... êsse negócio de ficar com a mulher alheia não pode sortir cousa bôa!

— Isto não é nada, você garantindo a conta é o quanto basta, no fim tudo vai dar certo.

O fato é que de brincadeira o assunto da conversação foi tomando carater grave entre os dois.

Tendo o Paulino um momento de silêncio, perguntou, quanto é a divida do tal?

Uns quatro contos e tanto, não chega a cinco, respondeu Barroso.

D. Julia apezar do estado de pobreza e de miséria em que vivia era um tipo atraente, simpática, bonitona, mesmo.

Depois de entabolarem a negociação, Barroso levou o rifle ao ombro e seguiu para a barraca do seringueiro doente.

— Grande novidade, o patrão hoje por aqui?! disse D. Julia.

O marido enfermo jazia em estado de lástima numa tipoia armada nos caibros da barraca coberta de palha de ouricuri.

— O que me traz hoje aqui é fazer-lhe uma proposta, aliás razoavel, e penso que terá o assentimento de vocês, falou o Barroso.

É o seguinte: Paulino é um rapaz muito bom, trabalhador e dispõe de um grande saldo em meu poder.

Disse que paga a conta de vocês, arranja mais dinheiro para a viagem à Paraíba, nas condições de ficar com D. Julia.

Houve nessa conversa um momento de pausa... todos emudeceram.

Afinal o doente rompeu o silêncio...

— Se Julia aceitar eu também aceito.

Esta por sua vez aquiesceu.

E, deste modo, ficou estabelecido o pacto.

O emissário voltou ao barracão. Chegou satisfeito e a primeira pessoa que viu foi o Paulino. Bateu-lhe no ombro e dêu-lhe os parabens. Tudo arranjado... acrescentou.

Paulino estava *noivo*. Recebeu os cumprimentos dos camaradas que se achavam alí presentes.

Em regosijo o patrão abriu uma garrafa de cognac e outra de vermuth. Alegraram-se todos, e, ao som de uma harmonica afinada dansaram polcas e polacas.

Dias depois, chegou ao barracão, à tarde, em vespera de São João, a desditosa familia.

Nessa noite. realizar-se-ia o *casamento*. Junto ao barracão havia uma grande barraca onde os seringueiros que chegavam do centro se abrigavam.

Para a mesma dirigiu-se o marido enfermo de D. Julia enquanto esta seguia direta a apresentar-se ao patrão.

O chefe veio ter com o doente, palestrou ligeiramente, deu providencia sôbre hospedagem, deixando-o mais ou menos conformado com o negócio que haviam firmado.

Anoitecera e começaram as dansas. A fogueira no pateo levantava um clarão fulgurante, iluminando, nitidamente, os dois barracões que se achavam a pouca distância um do outro.

De vez em quando, uma rajada de carabina Winchester ao pé da fogueira.

A festa laborava pelas onze da noite. D. Julia

havia dansado bastante com os presentes recebendo os parabens de todos.

Estava fatigada, pois, de mulher só existia ela e uma outra. Ambas, não cessavam de dansar.

À meia noite, Paulino desceu com D. Julia a escada do barracão e foi visitar a fogueira que estava prestes a terminar.

Alí palestravam sôbre a nova vida que iriam encetar dessa noite em diante.

De frente um para o outro receberam de chôfre um formidável tiro de bacamarte pelas costas, que os deitou por terra.

Caíram abraçados na beira da fogueira.

Do barracão da festa ouviram o tiro e a queda dos noivos.

Correram todos às pressas para o local do sinistro encontrando-os bem feridos.

Paulino recebera trinta e tantos bagos de chumbo e D. Julia três apenas.

Foram feitas rigorosas investigações sôbre o crime.

É que o legítimo marido ao deparar os noivos ao clarão da fogueira confabulando, irou-se, arranjou um bacamarte velho, carregou-o e mandou-lhes o tiro de misericordia na certeza de exterminá-los de uma vez.

Encostou a velha arma detraz de uma porta e deitou-se, embrulhado no lençol como se nada houvesse acontecido.

A festa acabou-se. Todos corriam a socorrer os feridos enquanto uns conseguiam saber que o assassino era o desventurado marido de D. Julia.

No dia seguinte, Antônio Barroso mandou levar em canôa o *criminoso* à foz do rio Mú que dalí seguiria para sua terra.

Os noivos escaparam, mas tiveram de passar

mais de três mêses acamados sem poderem dar agua um ao outro.

* * *

Não é de todo dispensavel dizer, aqui, que eram muito difíceis, naquela época, as relações entre os dois sexos. Regiões havia, numa extensão de dez a doze propriedades, onde não se encontrava uma dona de casa. A aquisição de uma donzela da selva era tarefa temerária, porque raramente a índia se sujeitava ao regime doméstico. Isso ainda podia acarretar o perigo de ser a moça levada pelos da tribu ou haver choques violentos, de parte a parte, transformando-se em intriga que não se acabaria mais. Sob êsse aspécto, as uniões de seringueiros com selvagens eram quase nulas.

Foi, por isso, atendendo a tamanha irregularidade de vida, que, certa ocasião, a polícia de Manáus de ordem do Governador do Estado, fez requisição nos hoteis e *cabarets* dalí de umas cento e cincoenta rameiras. Com tão extranha carga, encheu-se um navio cuja missão foi a de soltar, de distribuir as mulheres em Cruzeiro do Sul, no Alto Juruá.

Houve, dessarte, um dia de festa — a de maior pompa, que se tinha visto. Amigaram-se todas, não faltou pretendente.

Contudo, umas não se deram com o clima, adoeceram e morreram. Outras conseguiram voltar a Manáus e, muitas, por fim, foram mais felizes... É que, mais tarde, apareceu um sacerdote e as casou.

mais de três mêses acumados sem poderem dar água um ao outro.

* * *

Não é de todo dispensavel dizer, aqui, que eram muito difficeis, naquella epoca, as relações entre os dois sexos. Regiões havia, numa extensão de dez a doze propriedades, onde não se encontrava uma dona de casa. A aquisição de uma donzela da selva era tarefa temeraria, porque raramente a india se sujeitava ao regime domestico. Isso ainda podia acarretar o perigo de ser a moça levada pelos da tribu ou haver choques violentos, de parte a parte, transformando-se em inimizade que não se acabaria mais. Sob esse aspecto, as uniões de seringueiros com selvagens eram quase nulas.

Foi, por isso, atendendo a tamanha irregularidade de vida, que, certa ocasião, a policia de Manáus de ordem do Governador do Estado, fez requisição nos hoteis e cabarets dali de umas cento e cinquenta rameiras. Com tão extranha carga, encheu-se um navio cuja missão foi a de soltar, de distribuir as mulheres em Cruzeiro do Sul, no Alto Juruá.

Houve, dessarte, um dia de festa — a de maior pompa, que se tinha visto. Amigaram-se todas, não faltou pretendente.

Contudo, umas não se deram com o clima, adoeceram e morreram. Outras conseguiram voltar a Manáus e, muitas, por fim, foram mais felizes... É que, mais tarde, apareceu um sacerdote e as casou.

XVII

Era Antonio Frota, seringueiro, natural de Granja, (Ceará) valente, destemido. Residia num seringal nos confins do rio Ituhy. Certa ocasião, quando cortava sua estrada, fôra assediado por um grupo de índios que o prenderam. Não foi possivel resistir dada a superioridade numérica dos agressores.

Despojado das roupas que ficaram na estrada, os selvagens conduziram-no apenas com o rifle e o terçado.

Os companheiros de barraca, ao sentir a falta do colega, seguiram pela mata a dentro a sua procura num vivo interesse de achá-lo. Envidaram tôdos os esforços no interesse de encontrar seu paradeiro. Viraram o mato pelo avêsso sem conseguirem nada achar a não ser as roupas atiradas a um lado da estrada.

Fôra levado para maloca situada em lugar distante, inoto.

Em seu roteiro os índios desnorteavam-se propositalmente de modo que o prisioneiro não atinava donde havia saído nem tão pouco a direção em que ficava a maloca. Nesta passou quatro anos. Aprendeu a gíria dos cabôclos e vivia confortado junto aos mesmos.

Puzeram-lhe à disposição umas três *cunhantãs* das mais formosas da *taba*.

Nada lhe faltava, mas, só se arredava do barracão vigiado por uma guarda reforçada, acompanhando-o às caçadas pela mata.

Conseguiu firmar inteira confiança perante o selvícola, passados os dois primeiros anos de convivência, tendo sempre ao seu lado uma ou duas companheiras.

De uma feita, estava no terreiro ao ar livre, pensativo, triste, e o chefe mandou que umas donzelas o acariciassem. Fumava fôlha de mato. O tuxáua ordenou a um grupo da maloca que fosse arranjar fumo para o hospede numa linguagem que êste, a principio, não comprendia.

Ao cabo de três dias, chegou a horda trazendo tabaco, papel de cigarro, fósforo e balas de rifle. Roubaram não sabendo êle em que lugar. Vivia o Frota satisfeitissimo no aconhêgo dessa gente, porem, sobressaltado pela inimizade que havia entre sua tribu e outras vizinhas. Guerreavam-se e o Frota era obrigado a marchar à frente para o teatro da luta.

Escapou de morrer por diversas vezes.

Já andava, ora por outra, sozinho.

Planeou dar uma fugida, mas a distância aterrava-o, não tinha rumo certo a seguir. Um dia bem cêdo preparou-se para *caçar*. Tomou a direção do sol nascente andando de seis a seis horas, a toda.

Dormiu, e, ao amanhecer, nova jornada e o mesmo rumo.

No quarto dia, pelas três horas da tarde, saiu na volta de uma estrada.

Reconheceu, mesmo, que se tratava de um caminho de gente civilizada. Foi ter a uma barraca, e, ao defrontá-la, seguiu a trilha, por entre sororócas

e os seringueiros, ao divizarem-no, bateram mãos às armas e correram bala à agulha dos rifles.

O forasteiro gritou: "Não me matem...!"

Parecia um monstro, despido, barbudo, cabêlo aos hombros, sem feitio de gente. Chegàra morto de fome e começou a contar sua história quasi chorando... sentindo ainda nos ouvidos o estrugir dos Canamarys que de certo veriam ao seu encalço. Alimentaram-no e vestiram-no, seguindo êle depois para o barracão a umas cinco horas de viagem.

Dalí embarcou para Manáus e dessa capital seguiu para o rio Tarauacá, zona completamente diversa da que estêve prêso.

Não deixava de relatar os episódios de seu viver em comunhão com a tribu dos Canamarys.

Deixou entre êsses aborigenes, conforme narrava, alguns rebentos *do contácto que teve* com índias formosas durante sua permanencia na maloca.

* * *

De proprosito, convem não esquecer ser o cearense um tipo enérgico, conquistador de terras, afável, trabalhador, valente no momento oportuno, mas divertido e de espírito crítico.

Gostava o "cabeça-chata", como era conhecido, de dar apelidos aos habitantes de outros Estados, apelidos êsses irritantes e indecentes.

Em Redenção, viviam quarenta e oito homens. Dêstes, quatro paraibanos, "cabeças de côco" (meus irmãos, proprietários do seringal, eu e o moleque João, daqui de Pátos) um pernambucano — "ladrão de cavalo", dois rio-grandenses do norte — "c... rajados", um piauiense — "espiga", um maranhense — "maranhôto". Quanto ao paraense, não estou

lembrado de seu apelido. O mineiro que, raramente, aparecia alí, era tido como um sujeito "falso e traiçoeiro".

Ao criar-se, em 1904, (julgo) o Departamento do Alto Juruá, foi o general Gregório Taumaturgo de Azevêdo nomeado prefeito da cidade de Cruzeiro do Sul, colocada à foz do rio Môa.

Os cearenses diziam, então, ironicamente, — "Estamos de sorte, vamos agora ser governados por um "espiga" do Piauí."

XVIII

Havia muitas superstições e mitos. Passarei a contar algumas que, nos dias de hoje, ainda me ocorrem à memória:

No rio Juruá, por exemplo, ouvimos sempre histórias fantásticas a respeito do Curupira que, aos gritos imitando a voz humana, conduz o indivíduo para o centro da mata, desorientando-o de modo que, facilmente, o deixa *areado* e perdido.

Era de uso, por isso, não se responder grito qualquer no meio da mata, que os há quase sempre — uns produzidos por corujas, gaviões, outros por sapos, gias, e, ainda outros que se não sabe atribuir a quem. Talvez ao Curupira.

A convenção existente na zona era que aquele que se achasse perdido, désse, logo, dois tiros de chamada, rápidos.

A pessôa, que os ouve, já sabe que se trata de uma novidade e dispara também sua arma. Se o primeiro corresponder com outro tiro, está confirmado que a situação é de perigo e o companheiro segue, às pressas, em seu socorro.

O curupira tem o hábito de bater nas sapopembas das grandes árvores, que produzem um ruido fôfo semelhante ao tiro de espinguarda, mas ninguem o atende, porque, assim como pode ser uma

pessoa perdida pode ser também astucia do inimigo oculto.

Êle sabe iludir. Muitas vezes, o caçador ao entrar na mata, vê desenhar-se, de frente, o perfil de uma anta, pôrco ou veado e, ao procurar fitar o animal, este desaparece rápido sem deixar o menor vestígio.

Desanima-se logo o homem, e sabe que o dia é impróprio para caçadas.

Se insiste, não achará em que disparar a arma.

De uma feita, quando eu saía da barraca, penetrava na estrada e, seguindo, avistei, perfeitamente, uma anta trotando à minha frente. Corri bala à agulha da carabina, (rifle) o animal desfez-se num segundo, desapareceu, encantou-se de minha vista sem o menor sussurro. Lembrei-me logo ser aquilo arte do finório curupira.

Receioso, não prossegui na caçada.

A *marmóta* que vira, de fato, não restava dúvida, era um aviso... e, assim, melhor seria voltar.

No seringal Nova-York, no Juruá, deu-se um caso sensacional. Dois seringueiros, que trabalhavam na extração da borracha, residiam em barraca a duas horas de viagem do barracão.

Em certo dia, terminada a defumação do latex, pela cinco horas da tarde, mais ou menos, um ficou ageitando a refeição enquanto o outro foi juntar uns côcos de jacy para o fôgo do buião, a umas quarenta braças de distância da barraca.

Saíu, apenas com a estôpa a tiracólo e o terçado americano número 128 à mão.

Quando estava colhendo os côcos pelo chão, defrontou-se-lhe um caboclinho, baixo, de cabelos crescidos e tez morena. Sem dizer palavras, o caboclo investiu contra o seringueiro. Travou-se a luta. O rapaz, em vão, tangia-lhe o terçado na certeza de

abri-lo pelo meio e êste atingia unicamente o solo raso.

A briga prosseguia e, quando o agredido viu que não vencia seu contendor, que já lhe havia dado muitas quedas, abriu a bôca a gritar.

O companheiro da barraca ouviu a zuada e correu armado com a espingarda de dois canos em socorro da vítima. Ao chegar ao local do incidente, o Curupira, que estava matando seu companheiro, soltou-o e pulou de lado.

O atirador sapecou-lhe fôgo na cara e o bicho desapareceu, instantaneamente, foi-se para os infernos.

Trouxe o inditoso amigo quase nas costas para a barraca, tal era o seu abatimento.

Logo que chegou, deu dois tiros de chamada que foram correspondidos por outros seringueiros residentes a uns dois quilômetros de distância. Daí a pouco, chegou o socorro de três rapazes. Apoderados de grande nervoso e mêdo, que o Curupira não viesse à barraca, colocaram o doente em rêde e seguiram, já escuro, de lamparina acêsa, para o barracão.

A vítima ficou inutilizada com os baques que o Curupira lhe déra e perdeu a fala. Seu companheiro, dias depois, muito pensativo, tornou-se maluco.

Com uns dez dias, atracou no porto um navio, que descia.

O proprietário do seringal foi a bordo e contou todo o ocorrido ao comandante, pedindo-lhe para conduzir os doentes até Manáus.

Embarcaram. Tempo depois, chegou a notícia que o mudo, surrado pelo Curupira, havia morrido em viagem e o outro chegàra vivo em Manáus, sendo internado no hospício de alienados.

* * *

O jabotí é um cágado azarento. Aquêle que o encontra em caçada, agarra-o logo e trata de voltar à barraca, porque tem a certeza de que, nêsse dia, não matará cousa alguma. Se a fome é grande, não há outro recurso. Levam o jabotí à panela. Em outro caso, vai êle servir para atrair as caças, num chiqueiro bem seguro. Lá fica preso, alimentando-se da terra e sóbras de comidas.

Quando há escassez de carne, o seringueiro aproxima-se do jabotí e promete soltá-lo se naquêle dia conseguir abater pelo menos uma cotia, paca ou veado.

Muitas vezes o miseravel é ludibriado. O caçador arranja a caça, vai ao chiqueiro e diz-lhe: — Camarada: tenha paciencia, nada fiz hoje, você está bem aí, não lhe faltando nada. Quando matar uma anta soltar-lhe-ei."

O jabotí ouve a conversa, indiferentemente, na certeza de que seus dias de vida estão contados.

* * *

A sucurujú é, nas lendas, também conhecida por boiuna.

Aparece, vez por outra, fazendo alarmes pelo rio às caladas das noites escuras, fingindo uma embarcação em movimento, com seus faróis nitidamente acêsos. De um momento para outro, desaparece causando por êsse motivo terror aos que a vêm.

Outras vezes, transforma-se em rapaz esbelto, simpático e alegre nos bailes e festas noturnas. Antes do relógio marcar meia noite, desaparece sem ser pressentido.

XVIII

Havia muitas superstições e mitos. Passarei a contar algumas que, nos dias de hoje, ainda me ocorrem à memória:

No rio Juruá, por exemplo, ouvimos sempre histórias fantásticas a respeito do Curupira que, aos gritos imitando a voz humana, conduz o indivíduo para o centro da mata, desorientando-o de modo que, facilmente, o deixa *areado* e perdido.

Era de uso, por isso, não se responder grito qualquer no meio da mata, que os há quase sempre — uns produzidos por corujas, gaviões, outros por sapos, gias, e, ainda outros que se não sabe atribuir a quem. Talvez ao Curupira.

A convenção existente na zona era que aquele que se achasse perdido, désse, logo, dois tiros de chamada, rápidos.

A pessôa, que os ouve, já sabe que se trata de uma novidade e dispara também sua arma. Se o primeiro corresponder com outro tiro, está confirmado que a situação é de perigo e o companheiro segue, às pressas, em seu socorro.

O curupira tem o hábito de bater nas sapopembas das grandes árvores, que produzem um ruido fôfo semelhante ao tiro de espinguarda, mas ninguem o atende, porque, assim como pode ser uma

Dizem que num seringal do baixo Juruá, compareceu em festa um desses tipos. Entreteve-se dansando algumas horas e, quando se lembrou de sair, o relógio já havia ultrapassado das doze horas. Irrequieto, num pé e noutro, ficou sem mais poder sair do barracão.

Pediu ao dono da casa que lhe arranjasse um quarto, pois, se achava bastante incomodado.

O chefe determinou um apartamento reservado onde o rapaz se agasalhou.

As dansas continuaram até o dia claro e a festa quase terminada. O chefe do seringal tratou de acordar o hospede e que surpreza não teve ao abrir da porta!

O quarto estava cheio de uma cobra, uma serpente enorme, que, ao ver o clarão do dia, desenrolava-se, arrastava-se deslisando à superfície soalhada do salão da festa, seguia à porta de frente em procura do rio, enquanto o povo corria espavorido, às tontas de mêdo, afastando-se do monstruoso ofídio.

* * *

Bôto vermelho. Safado e namorador. Gosta de se transformar em môço bonito e conquistador das *cunhantans* nas barracas e barracões.

A canôa, que navega conduzindo mulheres, é por êle perseguida.

Aproxima-se tanto da embarcação que o remador toca-lhe o lombo com a palhêta do remo. Sai, então, contrariado, aos bufos, soltando pelas narinas golfadas de fumaça como quem quer tomar vingança. Volta; e continua a perseguir a canôa num acompanhamento alegre, expondo-se quasi todo à tona dagua, uns na frente, outros atraz, de lado da canôa e só se afastam os bôtos quando a embarcação

chega ao pôrto do destino e as mulheres desembarcam e vão embora. Assim, desenganados, fazem-se ao largo do rio e desaparecem.

O ôlho do bôto preparado pelos especialistas em bruxaria é empregado para efeito de conquistas amorosas.

* * *

Matintaperera — *Ave agourenta* — que aparece em toda barraca de seringueiro. Quasi encantada, pois raras são as pessôas que a vêm.

Canta em certo lugar e, quando o indivíduo vai querendo avistá-la, repete o canto em pontos completamente opostos, distante ao que estava, sendo assim quasi impossivel lobrigá-la.

* * *

O Irapurú — tem também suas façanhas e especialidades no domínio dos mitos amazonenses. Uns, têm-no como encantado.

Quando canta, rodeia-se de uma multidão de pequenos pássaros e o caçador ao se aproximar da pequena ave atraido pelo som de sua flauta, ela vôa junto às outras sem ficar conhecida.

Entretanto, os feiticeiros que a embalsamam, para negócio, dizem que a pequena ave é de tamanho diminuto sem nenhuma beleza, de porte igual ao de um rouxinól.

* * *

Mapinguarí. Monstro fabuloso e só aparecido no Tarauacá no ano 1906. Surgiu primeiro nas imediações das cabeceiras do rio Jamináua para as do rio Pauiny, afluente do Purús.

Bípede de três metros a mais de altura, ereto, envolvido por uma crosta à moda jacaré, tendo, apenas, um grande ôlho na testa. Anda gritando na mata pelo companheiro e alimenta-se de preferencia de carne de gente ou de macaco. Quando acerta com a maloca de indio, esta vê-se forçada a mudar-se, do contrário êle devora todos.

Sua crosta não é perfuravel por flexa nem a bala de rifle.

Conforme dados colhidos a respeito, por intermédio do aborigene, que lhe dera o nome, o temerário monstro é quase surdo.

Capturando um indio, o conduz debaixo do braço, estrangulando-lhe os membros e o comendo, a gritar atraz de irmão ou femea. Saindo do Tarauacá, em 1907, deixei todo pessoal do alto dêsse rio apreensivo com as notícias terroristas e alarmantes, a respeito do *Mapinguarí*; — mais êsse monstruoso duende antropofago e novato, egresso de latitudes inótas, desconhecido pelos antigos cronistas, a ser incluido no ról dos muitos existentes na história da Amazônia.

XIX

Bem diz o adágio popular que o indivíduo vem ao mundo sempre acompanhado por uma estrêla, — bôa, sofrivel ou de brilho fusco.

Uns, com pouco esforço, conseguem facilmente posições elevadas, vida calma e folgada, e a felicidade os fareja a todo o instante; outros, porém, rodeiam-se de sérios obstáculos e, para vencerem um degráu na senda que vão trilhando, debatem-se em òbices e barreiras quase intransponiveis.

Francisco Freire de Carvalho, quando rapazote, fôra caixeiro na milionária casa Boris, em Fortaleza — Ceará.

Esteve, depois, no Exército, conseguindo patente de oficial. Muito extremado em política, razão por que teve de aguentar pela prôa fortes dissabores e deixàra a farda.

Resolveu emigrar para o Amazonas.

Esteve negociando em Badajós por algum tempo. Seus patrões de Manáus convidaram-no a tomar a direção do seringal Liberdade no rio Juruá. A princípio, vacilou um pouco, a vista da distancia, mas, afinal resolveu ir.

Seringal bom, grande e novo, em rio francamente navegável, não restava a menor dúvida ser de futuro promissor.

A propriedade comportava para mais de cento

e cincoenta machadinhas tendo, ainda, um mato bruto, inexplorado.

Chegado alí, com mercadorias suficientes e uns setenta homens que conduzira, destribuiu-os por suas barracas e começou na luta da borracha.

Seu Carvalho, apesar de sua pequena estatura e um tanto idoso, era um espírito forte, inteligente, intrépido, moldado a resistir os embates da luta nêsse ambiente sem religião, sem justiça e de uma selvageria pendida ao canibalismo, onde a vida estava no gume da navalha.

Por felicidade, a famigerada tribu Canamarís, senhôra da zona, acossada pelas constantes e repetidas correrias, que lhe haviam feito, anos atraz, fôra desalojada e mudàra-se, definitivamente, lá para as cabeceiras do Riozinho da Liberdade ou rio Mú sem mais vir guerrear os seringueiros nas suas estradas e barracas.

O chefe do barracão mandou ageitar uma praia na margem oposta do rio e encheu-a de milho, feijão e melancias.

Era um roçado bom, que admirava a quantos por alí passavam.

Mas, que ninguem tirasse de lá um fruto sem a devida ordem, senão o diabo se soltava...

Sentado numa espreguiçadeira junto à porta de frente e fumando um cachimbo de palmo e meio de canudo, o Senhor de Liberdade contemplava satisfeito, mesmo de longe, a verdura exuberante das plantações de sua praia.

Nessa hora, tornava-se êle fleugmático, contava histórias e episódios interessantes de sua mocidade no Ceará. Não parecia aquêle velho importuno, que se enraivecia, estupidamente, por qualquer futilidade..

Era inimigo de folguedos e dansas. Quando lhe

chegava aos ouvidos a noticia de uma festa, nessa ou naquela barraca, chamava logo a atenção dos transgressores de seu regimen e acrescentava: — Estamos aqui para trabalhar e não em súcia de malandragem.

Certa ocasião, encostàra no porto um navio que baixàra para Manáus. Depois de atracado, um marinheiro atravessou o rio em canôa, chegou à praia e começou a tirar melancia.

Cientificaram do caso a seu Carvalho. Este chamou o Ricardo, guarda livros da casa, e ordenou-lhe: — Prepare o rifle e passe fôgo naquêle sujeito, que está roubando, a vista clara, as melancias de minha praia. O Ricardo cumpriu a ordem, atirou nagua para amedrontar o rapaz, mas como foi em direção ao mesmo, infelizmente o projetil resvalou à superfície liquída indo atingir o joêlho da vítima, esfacelando-o.

Em consequencia, falecêu, depois de cinco dias de horriveis sofrimentos.

Não existia ainda autoridade, que tomasse as necessárias providencias, e o fato foi considerado casual; mas o comandante do navio saiu propalando o crime por toda parte.

Aconteceu um dia que o aviado, de nome Raimundo Moreira, não se conformàra com o preço alterado das mercadorias que o guarda-livros lhe faturàra.

Preparou um documento pelo qual seu Carvalho era-lhe devedor da quantia de cinco contos de réis, e, inesperadamente, chegou armado ao barracão. Achando o velho desprevenido, forçou-o a assinar o proposto documento.

O agredido respondeu; — Só ponho meu nome nêsse papel, porque estou debaixo do punhal, mas você não receberá a importancia.

Não quero conversa, o que exijo é a assinatura do senhor, — disse o aviado rebelde, acrescentando mais que vinha acertar as contas no oitavo dia. Tomou a canôa e desceu o rio para outro seringal abaixo.

A vítima preparou seis homens armados e ficou aguardando a chegada de seu agressor.

Passou todo o tempo simplesmente com o café e o cachimbo.

Punham a comida à mesa e chamavam-no. Respondia que só se alimentaria quando matasse Raimundo Moreira.

No oitavo dia, apontou na curva do rio um *gaiola* que, mansamente, sulcava às aguas e o *credor* de seu Carvalho alí viajava. Logo que atracou, os marinheiros colocaram a prancha.

Foram preparados, dentro de casa, três piquêtes reforçados. Raimundo Moreira saltou de bordo e seguiu pelo trapiche à fora, de revolver em punho, para o barracão. Do primeiro, partiram dois tiros, à queima roupa. Erraram claramente o alvo.

O agressor avançou furioso e ao defrontar o segundo piquête, detonaram-lhe alguns tiros dos quais ainda saiu ileso. Penetrou na sala do escritório. Seu Carvalho, empunhando um espadim, gritou em voz alta: — Atirem no homem?!

Vários projetis certeiros atingiram o Moreira, ferindo-o gravemente. Êste recuàra aos tombos para o navio e, ao chegar à prancha, caíu nagua. Os cabras, que vinham ao seu encalço, descarregaram as armas na cabeça do infortunado Raimundo Moreira.

Retirado o cadáver, levaram-no para o aceiro da mata e por lá ficou insepulto.

Seu Carvalho ordenou que botassem comida na mesa. Estava trespassado de fome, oito dias, sustentando-se, exclusivamente, com o café e o cachimbo.

Comeu fartamente, satisfeito e alegre. Vingàra-se, afinal, da bruteza de um tresloucado, que o agredira de revolver, atrevidamente, estupidamente. No dia seguinte, os porcos do terreiro rasgavam, ainda, pernas e braços do cadáver de Raimundo Moreira. A justiça de S. Felipe, cabeça da comarca da região e que ficava a mais de cem léguas de distancia, abriu rigoroso inquérito e seu Francisco Freire de Carvalho para se livrar do crime, teve de gastar com advogados, entre êles o rábula Francisco Arrais, mais de sessenta contos.

Êste seu Francisco Freire de Carvalho só tinha dois filhos: D. Loló, que fugíra com Pedro Juvencio Barroso, e o José, que vivia constantemente doente até que se prostou, enfermo, sem esperança de salvação.

O pai, vendo-o que não escapava, firmàra com o mesmo um pácto de honra: — José, disse — estou vendo que desta você não escapa, quero, pois, pedir-lhe uma cousa: Logo que chegue ao outro mundo, não esqueça de vir até aqui dar-me notícia de lá, dessas regiões, com absoluta certeza. O moribundo, que tinha ainda senso perfeito, garantiu que vinha.

Passados uns três dias, faleceu.

Em Liberdade, existia um pequeno cemitério, à distancia de cem braças do barracão.

O enterro realizou-se numa terça-feira, à tarde.

Nessa noite, a alma do morto não cumpriu o pácto, não apareceu na quarta nem também na quinta.

Chegàra o dia de sexta-feira.

Hoje é o dia próprio em que as almas do outro mundo costumam aparecer. Com certeza, a do José virá cumprir o seu trato para comigo. Esperou até às onze e meia da noite.

Nada...

Deu de mão o faról e o relógio e seguiu para o cemitério.

Abriu a portinhola, entrou e foi ter à sepultura do filho.

Quando o relógio marcava doze horas em ponto, chamou-o três vezes, — José, José, ôh José?!

Ninguem respondeu...

Saiu, fechou o porta do cemitério e voltou para o barracão.

No outro dia, alguem que havia observado, com bem mêdo, a claridade na residencia eterna dos mortos, perguntou-lhe o que significava aquilo? Respondeu que havia sido êle próprio, que fôra entrevistar-se com a alma de seu filho José, mas, ficàra certo que essa história de alma do outro mundo era como histórias de lobis-homem.

Morreu, acabou-se...

Seu Francisco Freire de Carvalho terminou os seus dias de vida sob os auspícios de uma bôa estrêla, — muito respeitado, rico e considerado.

XX

Em Nova Esperança, no rio Juruá, morava o Teotonio, cearense, formidavel no trabalho da borracha, razão por que contava, no conta corrente do barracão, saldo superior a dois contos de réis.

Vivia maritalmente com a dona Maróca, natural de São Benedito (Ceará).

Essa era mulher de estatura regular, compleição robusta, amarela, feia, analfabeta, inteligente, expansiva e maneirosa, jogava suéca e três sete, fumava, bebia, dansava como uma carrapêta.

Sua feiúra desaparecia em face às qualidades morais de que era portadora. A barraca ficava a umas cincoenta braças do barracão. Quando o pessoal chegava do centro aos sábados, depois de tomar um trago de aguardente, ia infalivelmente alí dar a sua palestra demorada.

Conversava-se sôbre os ocorridos da semana, — borracha, caçadas pescarias, etc. Um contava que a estrada estava aumentando o leite, outro dizia que a sua não prestava, trabalhava demais e pouco fazia. Relembravam-se alí também histórias e episódios da terra querida, — o Ceará. Fazia pouco tempo que tinha havido, em Fortaleza, uma revolução. Um tal João Brigido com o seu reacionário jornal — "O Unitário", açulando os cadêtes da Escola Militar junto aos Acióles, fez com que o governador

José Clarindo fôsse deposto. E outras e outras histórias eram sempre repetidas, na barraca do Teotonio. Dêste modo, o tempo ia se passando.

Nos primeiros dias de córte da estrada, no início do fabrico da borracha, raro é o seringueiro que arranja um quilo dêsse produto. Só com umas duas ou três semanas de trabalho é que a seringueira vai gradativamente crescendo o leite até que chega a dar três ou quatro quilos de borracha por dia. Com o leite, preparam-se encerados para cobrir canôa, bôlsas para munição do rifle, sapatos, bainhas para preservar a arma da chuva.

D. Maróca era fiel ao Teotonio, admiravel, mesmo, e, dela só se conseguia palestra agradavel e nada mais.

João Alves era um rapaz trabalhador, de pouca conversa e um dos frequentadores assiduos da barraca.

Certa ocasião, teve ensejo de perguntar à D. Maróca: — Se um dia aparecer um padre por aqui, você quererá casar-se comigo?

D. Maróca fez ligeiro ar de riso e disse: — quem sabe? E nisso ficou sem mais dizer palavra.

Por arte do não sei que diga, passadas umas duas semanas, aportou a Nova Esperança um gaióla (navio) e no mesmo viajava um sacerdote que, em desobriga, não em todos os rios, aparecia de dois em dois anos, indo até o porto a que o navio se destinasse. Alí saltava para iniciar os sacramentos da igreja.

Celebrava missa, batizava e fazia algum casamento. Poucos os que sabiam o Credo e o Eu-pecador, motivo por que eram rarissimas as confissões.

Á noite, o vigário ia para um quarto reservado e a dansa e a cachaça tomavam conta do salão em festa até o dia claro.

Depois do café da manhã, o patrão escolhia uma das melhores canôas do porto, bem possante e bem tripulada para ir deixar o sacerdote no seringal abaixo. O proprietário deste desempenhava o mesmo papel.

Isto era de praxe nos rios e, assim, o ministro de Deus percorria todo o rio até a sua foz sem despesa nenhuma; tudo corria por conta de seus paroquianos que o tratavam com respeito e acatamento.

Mas, na verdade, quasi não havia religião naquela parte do Amazonas — a não ser breves rezas íntimas ao deitar-se.

Eu, felizmente, antes de cair na rêde, jamais deixei de rezar o Padre-Nosso, o Credo e a Salve-Rainha, aprendidas na escola particular do professor Antonio Vieira, de Patos.

Tive de ensinar essas rezas, muito raramente, a alguns espíritos tementes a Deus. Nunca alí assistí a uma novena ou a qualquer áto público religioso a não ser quando meu irmão se valeu de São Sebastião para nos livrar dos perigos dos indios e fez promesa de festejar, em todos os janeiros, aquêle nosso protetor.

Os santos mais prestigiados eram Santo Antonio, São José, São João sobretudo, e São Pedro. Mas, os festejos consistiam numa grande fogueira, à frente do barracão, onde, no dia determinado, reuniam-se todos os seringueiros, havendo fortes salvas de tiros de rifles, dansas, cachaça e... briga, às vezes.

Nas dansas, como já expliquei, as damas (homens) amarravam para distinguir-se dos cavalheiros um pedaço de pano na cabeça e, assim, a festa ia ao dia clarear.

Mas, voltemos à história de Nova Esperança. Com a notícia da passagem do padre, D.Maróca, ao

defrontar-se com o Teotonio, foi-lhe dizendo bem alto: — É chegado o momento oportuno, quer casar comigo?

Não, respondeu secamente o moço (*) de Maróca.

Dou-lhe preferencia, moramos juntos a dois anos, considero-o bastante, mas, se você não quizer desde já, dou-me por noiva de João Alves, — falou D. Maróca.

Você está com o "droga" Maróca, não vê que João Alves não é doido para se meter numa arrumação dessa? — respondeu o Teotonio, enraivecido.

Pois, você há de ver, retorquiu D. Maróca.

A cousa engrossou, apartaram os "troços" e a mulher foi para o barracão. Alí contou a "seu" João Marques, proprietário do seringal, tudo o que se passàra.

Êste procurou reconciliá-la com o amante, mas, não conseguiu demovê-la de sua atitude. D. Maróca arranjou um portador amigo para ir à barraca de João Alves, a três horas de viagem. O emissário declarou alí o objecto de sua incumbencia. Sem perca de tempo, os dois levaram os rifles ao hombro e pisaram a caminho em demanda do barracão.

O casamento foi contratado, havendo bastante alegria, aplausos e aguardente, porém a noiva impoz uma condição, — juntarem-se somente depois de casados. E, esta, prevaleceu.

Teotonio ficou de caldo, colocou-se num dilema revoltante e penoso. Nunca pensou que sua Maróca tomasse uma resolução tão decidida e violenta e o abandonasse de chôfre, de uma vez para sempre...

(*) Termo empregado pela concubina ao amante.

Tentou ainda uma reconciliação por intermédio de amigos. D. Maróca repeliu-os energicamente e dêste modo teve êle, Teotonio, de se conformar com sua desgraça.

Os noivos trataram logo de preparar-se. O padre não iria demorar a baixar, (descer de rio abaixo). João Alves teve necessidade de ir ao centro. Em sua ausencia, chegou o sacerdote e, como não havia outros ofícios a celebrar, desceu para Novo-Destino, seringal abaixo do nosso.

O Teotonio ria-se a valer com essa parada, enquanto que a noiva, aflita, em desespero, providenciava mandar um portador atraz do noivo. Chegado êste, preparada a canôa, embarcaram os nubentes, testemunhas, amigos e o Teotonio também, piloteando-a.

Aportaram em Novo-Destino. Já o padre havia saido para Porto-Rico, seringal imediato.

Teotonio soltou uma gargalharda.

João Alves levantou-se do banco da canôa e disse: se você boquejar daqui por diante, eu lhe atiro nagua. O caso é sério e do geito que estou "engato" até com o diabo, se aparecer.

Teotonio era covarde, não deu mais uma palavra. Zarparam em velocidade e foram alcançar o padre em Porto-Rico. Alí realizou-se o casamento de João Alves com D. Maróca.

Fizeram todos um lanche confortável e trataram de regressar conduzindo um (*) *Carneiro* de aguardente.

Tinham que remar de rio acima seis horas de viagem para chegar a Nova Esperança. O rio achava-se invadido pela mata. Em certo ponto, o

---

(*) Garrafâosinhc que comporta oito garrafas.

Juruá descrevia uma curva grandemente pronunciada. Formava um istmo, tendo nêste um furo (atalho por agua dentro da mata) que encurtava mais de hora de viagem. Penetraram no mesmo, ao escurecer, pois a travessia era de uns trinta minutos. A certa distancia, perderam a róta, sem poderem de modo algum acertar com a saída.

Escureceu. Arreiou uma chuva torrencial, que durou horas. O carapanã fazia núvem, torturando-os sem piedade. O "coronel Camizão" apareceu alí consolando-os... Passaram a noite inteira aconchegados nos bancos e porão da canôa, que se enchia dagua de vez em quando, regelados no mais trágico e torturante suplício.

O dia, afinal, amanhecêra.

Encontraram o canal e saíram de rio acima... Beberam toda a cachaça do Carneiro.

Foram ter a Nova Esperança pelas dez horas do dia, macilentos e desfigurados como cadáveres.

Ao se ter conhecimento da tragédia, desfizeram-se os festejos, que se projetavam levar em homenagem aos noivos e comentava-se que o Teotonio, encarregado da direção da piróga, fôra o culpado pelo insucesso da viagem.

E assim foi que se realizou o casamento de João Alves.

XXI

Onias Vieira. natural de Pátos (Paraíba), adoecêra no seringal São Vicente do rio Mú. Uma dôr exasperante de dente o punha de cama e o impossibilitava de trabalhar na estrada de seringueira por algumas semanas.

Não havia dentista, médico, um curandeiro, ao menos, que ensinasse remédio para alívio de tão grave e cruel sofrimento. Sem outro recurso, contou o Onias apenas com o purgante de oleo de rícino, que o Chagas, seu irmão, preparou das sementes de uns pés de carrapateira, que ensombravam o terreiro da barraca. A medicação não déra resultado.

A moléstia agravára-se em consequencia de uma chuvinha, que o doente involuntariamente apanhou, sobrevindo-lhe, por isso, forte crise acompanhada de tumefação horrivel, que lhe defeituava o rôsto.

Nessa emergencia, o Chagas deliberou conduzir o irmão para o barracão São Vicente.

Trazido em montaria (pequena canôa) o doente desembarcou aos gritos, quase alucinado.

Deram-lhe outro purgante, pois, era o que se tinha a recorrer.

As dôres cessaram, mas a inchação degenerou em dois abcessos purulentos, intra-externos, com febre alterada. O doente peiorára, começou a tres-

variar, soltando frases desconexas e sempre chamando o irmão, de modo que perdemos a esperança de salvá-lo.

O chefe do barracão não estava, andava viajando.

Eu, o Chagas e Francisco Cassiano passamos três noites de vigilia em luta com o doente.

Já não aguentava eu mais o enfado, de três noites, que passára acordado sem poder dormir, com o sentido prêso no moribundo.

No quarto dia, caí numa rêde e adormecí, mas o sono era atribulado. Sonhava asneiras, que pensára durante o dia.

A felicidade era que os companheiros mostravam-se sempre dispostos, principalmente o Chagas. que não largava o irmão.

Anoitecêra um dia. O soalho do barracão era de paxiuba (palmeira) e bem alto de modo que andava uma pessoa por baixo sem tocar a cabeça no mesmo.

Nessa noite, o doente trespassado de sofrimentos, não dava um só gemido, nem tresvariava, notando-se, porém, uma ânsia como que se o momento do fim de sua existencia se estivesse aproximando.

O Chagas, sentado num caixão de querozene, reparava, de vez em quando, com a lamparina acêsa, o estado de miséria de seu irmão. Quando o despertador marcava meia noite, ouvimos o *Matintaperera* cantar por baixo do soalho do barracão, correspondente à rêde de Onias.

Arrepiei-me dos pés à cabeça, o sangue fugiu-me. Aquêle pássaro agourento, malassombrado, achava de vir do centro da mata cantar debaixo da rêde daquêle que se encontrava entre a vida e a morte, à meia noite em pônto.

Isso só poderia sêr um aviso fatal, não restava

a menor dúvida. Ficamos, tôdos, em silêncio, sobressaltados ao ouvir o canto do pássaro. Disse eu para os dois companheiros, — "o doente não vai ao dia amanhecer."

Pela madrugada, o Francisco Cassiano fez fôgo para ageitar um café. O dia estava perto de amanhecer, a barra vinha quebrando, já se via o clarão da aurora, quando o Chagas alarmou: — "Venham botar a lamparina na mão de meu irmão, que êle já está se ultimando. Não tenho coragem para assistir o fim de sua vida." Fez-se uso da lamparina por falta de vela. O Cassiano quiz recuar, mas, eu o encorajei: — " Vamos, vamos, bote a lamparina na mão do Onias, já que o irmão não tem coragem."

Alí permanecemos, então. O Chagas soluçando junto à rêde, eu e Cassiano também com os corações trespassados de saudade e dôr pelo desaparecimento do amigo que se acabava de ultimar.

O drama, porém continuava. Passamos o dia com o cadáver embrulhado na rêde, colocado na sala do barracão.

Ás quatro horas da tarde, botamo-lo na canôa para ir sepultá-lo no seringal "Forte da Graça", que ficava a uma hora de viagem de rio abaixo. Lá existia um cemitériozinho amparado por cerca de madeira.

Largamos a canôa de rio abaixo, os dois remando à prôa e eu piloteando-a.

Afinal, chegamos ao pôrto do destino, mas, não podemos subir a barranca do rio, que era de altura consideravel e o caminho, em zig-zag, até galgar a chã para ir ter ao cemitério. Sendo nós três insuficientes para subir a ladeira com o defunto, arranjamos alí quatro pessoas, que nos auxiliaram a levá-lo e a fazer o enterro.

Quando terminamos a tarefa, o sol desaparecêra no ocaso.

Nêsse lugar, havia aguardente.

Compramos duas garrafas. Esvasiamos logo uma.

Voltamos de rio acima, escuro de tudo, chegando em São Vicente, às nove horas da noite, quasi bebados, e, apesar disso, o mêdo ainda era grande. Eu não esquecia o môrto um só momento.

* * *

Com duas semanas, mais ou menos, deu-se outro caso *"trivial"* em São Vicente. Em uma barraca do centro, a duas horas de viagem, residiam os seringueiros — Joaquim Monteiro e Antônio Pereira. Êste último era um indivíduo ativo e bom, mas vivia constantemente doente, razão por que pouco podia se esforçar.

Quando lhe aparecia melhora em seus incômodos, ganhava o mato a trabalhar. Um impaludismo rebelde, porém quasi o inutilizàra.

O remédio era chás, "café beirão" e quanta beberagem doida, que se usa onde não há recursos médicos.

Chegando, fortuitamente, um peruano à sua barraca, ensinou-lhe que tomasse, em jejum, meia garrafa de leite de gameleira, que ficaria bom das sezões e do cansaço.

Antônio Pereira conseguiu, facilmente, arranjar o leite e tomou-o de uma sentada.

Purgante enérgico e violento produziu no doente várias dejeções e repetidos vomitos.

O *"médico"* recomendàra ao doente que evitasse comer carne de porco (caitetú e queixada) durante um ano, outras caças "reimosas" como o jacamim,

urú e mutum, e passasse quarenta dias comendo ensôsso, sem tocar em sal.

Ora, no Amazonas, o indivíduo vê-se forçado a comer o que quer e o que não quer. Como poderia Antônio Pereira cumprir tal regimen? Com o purgante, a moléstia complicou-se e o doente não poude mais ir com seus pés ao barracão.

Certa noite, pelas nove horas, Joaquim Monteiro colocava à mão de seu desventurado companheiro um tôco de vela acêsa, ajudando-o a morrer.

E morreu mesmo.

Monteiro achou desnecessário ir ao barracão levar a notícia, porquanto eram quatro horas, de ida e volta, perdidas.

Resolveu o caso por outro meio, mais prático: — Preveniu a lamparina de querosene, encheu o rifle de balas, ageitou um pedaço de estôpa, atou as quatro pontas, colocou o cadáver do Pereira dentro, e pôz-se a caminho do barracão. Aqui e alí, onde achava um páu a cavaleiro, parava, tomava um fôlego e seguia... seguia, denodadamente, com o defunto às costas com calma e coragem de jumento.

A uma hora ou duas da madugada, chegava a São Vicente.

Deitou o cadáver no terreiro subiu a escada e bateu à porta do barracão.

Levantamo-nos, todos, assustados e perguntamos: — quem bate?

Uma voz pausada e calma respondeu: — "Joaquim Monteiro.

— Que há de novo? — perguntamos

— O que há de novo é o falecimento de Antônio Pereira esta noite.

— "E onde está o cadáver?"

— "Alí, — no terreiro do barracão."

Ficamos perplexos diante de tamanha cena e penalisados com a triste nova, pois, o morto era amigo e benquisto de todos.

Monteiro passou a dizer que o peruano fôra o causador dessa desgraça.

Ao amanhecer do dia, fomos de canôa sepultar o cadáver de Antonio Pereira, no cemitério do "Forte da Graça."

XXII

Sortído um batelão de mercadorias de pronta venda, segui, com meu irmão, Virgílio e mais um remador, de rio acima, vendendo-as a bons prêços — a trôco de borracha e cautchú.

Depois de três dias de viagem atropelada, em rio quasi intransitável pela galhada que obstruia o leito, conseguimos ancorar no seringal São José, de seu José Pereira Lima. Êste, tendo viajado para o Ceará, deixàra a gerencia de seus negócios e propriedade entregues a Manoel Elísio Frota, môço distinto, inteligente e maneiroso.

Como o rio se achava muito raso, difícil à navegação e estavamos fazendo bons negócios, com pessoas que desciam das cabeceiras e adjacencias, estacionamos, nêsse porto, por umas duas semanas. Em uma barraquinha, próxima ao barracão senhorial, residia um mestiço de bôa estatura e de pouca conversa, carpinteiro, tocador de harmonica, casado com uma mulherzinha simpática, alegre e espevitada. Todas as noites, vinha de sua barraca para o barracão com fole e a mulher.

Começava a tocar, e, uns oitos rapazes, mais ou menos, disputavam dansar com a *carrapetinha*, que vencia a todos.

A festa nunca ia além das dez horas e o toca-

dor jamais demonstrava ciume de sua "cara metade."

Terminado o folguêdo, o casal voltava à humilde e pobre residencia.

No outro dia, seguia para mata a desempenhar seu ofício, e os homens do barracão voltavam para as trabalheiras quotidianas, ansiosos que o sól desaparecesse no ocaso e chegasse a noite para se divertirem na dansa.

Dêsse modo, os dias iam se passando e a gente muito bem satisfeita e contente.

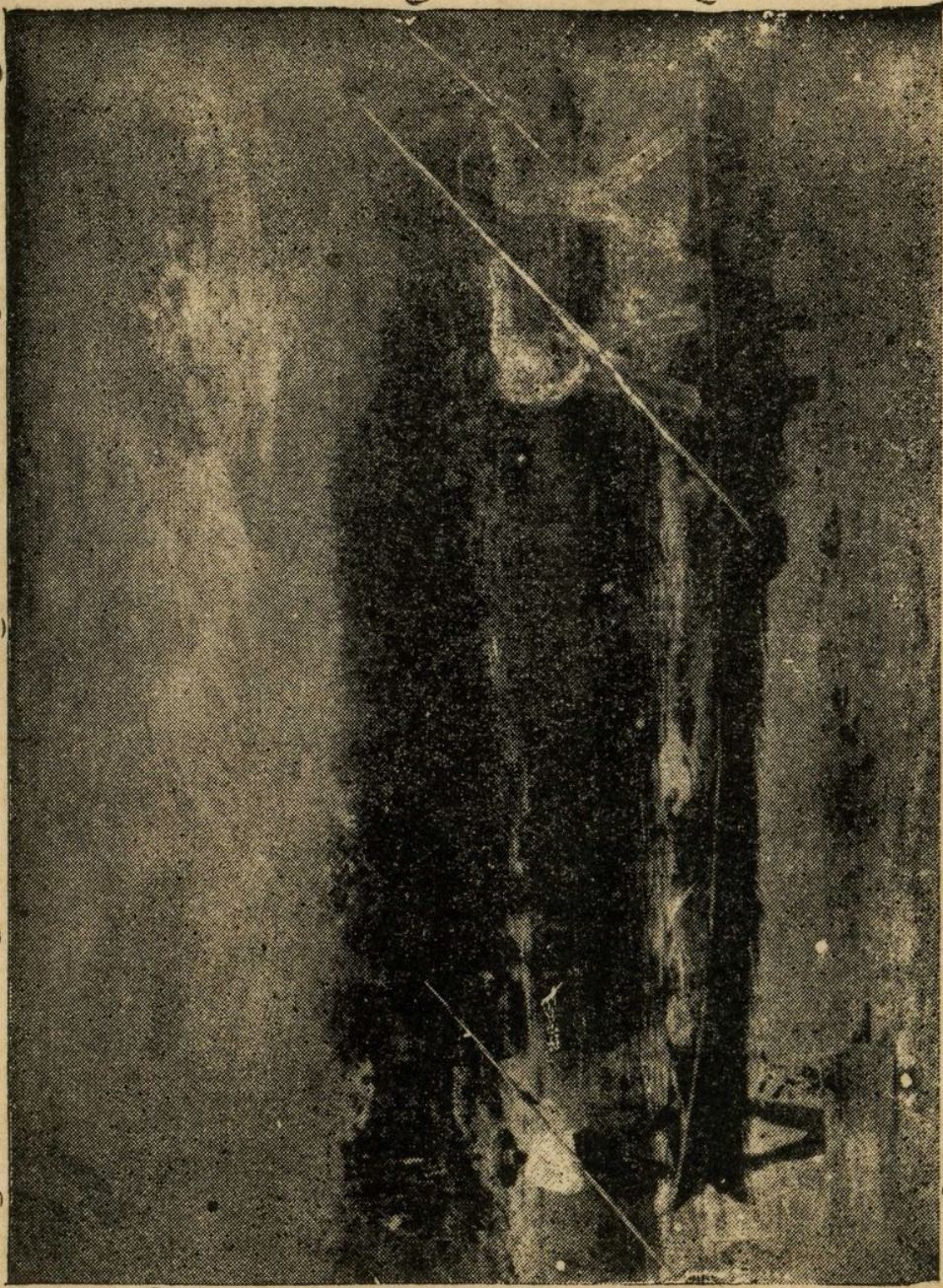
Nêsse logar, encontramos um paraibano da cidade de Souza, que nos convidou a pescar num lago arrombado, de agua limitada a pequeno pôço circundado de capim. O restante do lago estava sêco e parecia um campo de futeból perdido no centro da mata.

Ficamos admirados, pois, nunca tinhamos visto a clareira do sol, a não ser nos rios, projetar seus raios luminosos em campo aberto como o que estavamos nessa hora contemplando.

Alí soubemos que, como o lago ficava próximo ao rio e sendo êste de nivel inferior, uns indivíduos, de tenaz resistencia física, conseguiram abrir comunicação do rio para o lago. Assim, as aguas dêste se escoaram quasi todas, ficando, apenas o pequeno pôço, de que falamos, no centro da área ocupada antes.

Começamos a tarrafear batendo com uma vara na camarana (capim grosso e peludo) para o peixe fazer-se ao largo da agua do pôço.

O pescador jogava a tarrafa e colhiam-se, facilmente, bonitas curimatans, matrinchans, carauaçús, aruanans e pacús.

O souzense entendeu de penetrar na agua por cima do capim flutuante para espantar o peixe.

Em plena selva amazônica, o autor deste livro, seu irmão, Silvino Lustosa Cabral, e outro companheiro de aventuras, vadeando um dos afluentes do grande rio. (Fotografia pertencente ao sr. Francisco Machado, tradicional e conhecida figura no meio social de Patos).

Eu e o tarrafeador, sabendo o perigo existente nas aguas, reclamamos a afoiteza do rapaz, certos de que êle receberia, pelo menos, o choque do poraqué.

Não deu ouvidos à advertencia, e, quando vimos, foi o grito alarmante daquele imprudente por cima da graminea verdejante e espessa, que não deixàra seu corpo submergir-se de tôdo na agua. Mas, o peixe elétrico continuou a dar-lhe repetidos choques e a vítima imovel, sem sentidos, estorcia-se na agonia da morte, recebendo outras descargas pelas lombadas de seu corpo meio submerso. Afinal depois de grande aflição, nosso companheiro Justino, que tarrafeava, penetrou no pôço por cima do capinzal, e, quando tocou no doente, recebeu logo um choque. Gritei-lhe: Pegue no cinturão para evitar o efeito da descarga elétrica. Dessarte, com um forte impulso, o valoroso Justino conseguiu jogá-lo à beira dagua. Nêsse momento o puraqué deu-lhe mais uma tacada, derribando-o, porém, eu com um esforço titânico, consegui arrastá-lo para fóra.

Do sousense, em estado de coma e coberto de pium (mosquito), batia, apenas, o coração.

Deixei-o entregue ao Justino e corri às pressas ao barracão, que ficava a quasi uma hora de viagem, à procura de remédio e de socorro.

Arranjei um pouco de amôniaco e três rapazes para ajudarem a trazer em rêde o desventurado paraibano.

Logo que chegamos ao local do sinistro, levei o medicamento às suas narinas e, a muito custo, respirou soltando umas frases quasi impercebiveis, mas que se distinguia bem que se valia de Nossa Senhora.

Colocado na rêde, conduzimo-lo à márgem do

rio, que não era longe, e dalí seguimos para o barracão em canôa.

Desembarcado o enfêrmo, demos-lhe um purgante de óleo de rícino, única meisinha, que tinhamos a recorrer.

O doente trespassado de dôres, que degeneraram em ataques, passou o resto do dia no morre e não morre, até que, ao anoitecer, morreu mesmo.

Nessa noite, não houve dansas.

O tocador veio com sua mulherzinha ao barracão e ajudou a fazer quarto ao defunto até o dia claro, quando tratamos de sepultá-lo.

Como já haviamos passado vários dias em São José e os negócios não eram mais de grande vantagem, resolvemos seguir, à montante do rio, até a foz do Jordão, afluente do Tarauacá, que ficava a uns quatro ou cinco dias de viagem. Chegados alí, os companheiros ficaram e eu tive de seguir, a pé, por dentro do Jordão, até suas nascentes, na divisão do Brasil com o Perú, em zona infestada por índios, afim de justar contas com um sujeito que nos havia comprado mercadorias fiado. E, para vencer essa distancia, o rio servia de caminho, já bem estreito e raso. Tive de andar três dias sózinho. Na viagem, ia sempre pisando por cima do rastro de cabôclo, que transitava contínuadamente alí, vendo a hora deparar-me com o mesmo, e ser chocado pelo sibilar de uma flecha certeira, partida do mato.

Acompanhando a sinuosidade brusca das curvas do rio, enroladas a pequena distancia umas das outras, e, aqui e acolá, um estirão que as ligava, viajava eu cautelosamente.

Vez por outra, interrompia a marcha ao deparar um ruído na folhagem. Assustado e o rifle de prontidão, examinava o caso e via tratar-se de macacos, saltando nos galhos das árvores. Seguia.

No primeiro dia de viagem, pelas cinco horas da tarde, avistei a barraquinha de dois cearenses.

Alí pernotei e, às quatro e meia da manhã, puzeram o almoço e café no soalho da barraca. Depois da refeição, equiparam-se e internaram-se logo na mata enquanto, despedindo-me dêsses meus camaradas, continuava a marcha de rio acima, ainda, quasi escuro.

Pelas cinco horas da tarde, cheguei a outra barraca, que se achava em festa. Era um domnigo, e não sabia.

Por esse motivo, seringueiros de outras vivendas se achavam alí reunidos. O Jordão, nessa altura, projetava-se em rápida curva formando um pôço muito piscoso, que encobria um homem.

De longe, ouvi a gritaria dos pescadores, o que me arrepiàra todo, julgando tratar-se de indios.

Aproximando-me, receioso, vi que era gente numa algazarra doida, pescando. Recebido, trataramme fidalgamente. Jantei e dormi nêsse logar, sendo informado de que, se andasse em marcha regular, estaria no último seringal do rio Jordão, do cearense José Maia, pelas três horas da tarde do outro dia.

Conduzia rifle e duzentas balas. Ao chegar à barraca do Maia, que procurava, disse-me este: — "O que é isso? Você está maluco romper sózinho essa distancia? Onde dormiu?"

"No primeiro dia, dormi na barraca de dois seringueiros, muito abaixo, no segundo, dei com outra, onde moravam três e, hoje, estou aqui com você," — disse-lhe.

— "Não sei como não o agarraram!" E, acrescentou: — "Nós, por aqui, só viajamos de dois, pelo menos, e bem municiados, porque aquêle que se arriscar ao que você enfrentou só, não é difícil ser tragado pelos cabôclos a qualquer momento."

Afinal cheguei em paz. Jantei com os amigos uma saborosa carne de paca, que abatí na viagem, acertei os negócios, dormi.

Antes, palestrámos bastante à noite.

José Maia não demonstrava ser um homem fatigado, vencido pelas tormentas da luta incessante em que laborava, diariamente. Pelo contrário, era um desses indivíduos que nada temem nem desfalecem ante o perigo e os revezes da sorte.

Comprára a propriedade longinqua e estava, a dois anos, desbravando-a com os seus vinte e tantos homens cearenses, entre a vida e a morte, contra o amerindio sagaz e belicoso, repelindo-o a bala a todo momento. Persistia e não desanimava na dupla ansia de arranjar os cobres e voltar confortado, um dia, ao torrão natal.

No dia seguinte, regressei de novo sózinho à foz do Jordão.

Ao chegar, fui sabendo por bôca de meus dois companheiros do batelão, que o tocador de harmonica do barracão São José, encontrando sua mulherzinha em flagrante adultério com um daquêles rapazes que, habitualmente, dansavam, quando lá estivemos, desfechou-lhe no peito um tiro de rifle, tendo a pobrezinha morte imediata.

E, assim, com essa tragédia brutal, extinguiu-se a única mulher civilizada existente no seringal São José, no alto do rio Tarauacá.

XXIII

Ao ser criado, em 1906, o juizado de paz, no seringal Alagôas, do Alto Tarauacá, pertencente a um alagoano chamado Pôrto, cidadão de bôas maneiras, era juiz o cearense Francisco Sales, proprietário de seringal.

Naufragàra, no Alto, uma canôa carregada de borracha e como o rio achava-se de repiquête (enchente) os remadores não poderam salvar a mercadoria, descendo esta de rio abaixo. (As borrachas são sempre marcadas com as iniciais do nome do dono).

Um navio que viajava de rio acima, deparou umas peles (bolas) de borracha descendo nagua. O comandante parou o navio e mandou que os tripulantes saltassem numa canôa, colhessem as peles de borracha e trouxessem para bordo.

Conseguiram capturar de dez a doze com cincoenta quilos de peso cada uma, mais ou menos.

Colocaram-nas expostas, no convés do gaióla. Êsse navio parou em Redenção, e eu tive necessidade de embarcar no mesmo até o pôrto de Tabocal,

seringal pouco acima do nosso. A bordo, viajava Napoleão Dourado, comerciante, e senhora.

Tive aportunidade de vêr as borrachas, mas não conhecí de quem eram as marcas.

Em conversa, Napoleão me disse que viu quando o comandante parou o navio e mandou arrecadá-las, porém até alí não havia aparecido o legítimo dono.

Saltando em Tabocal, tratei do negócio a que ia e voltei a Redenção. O navio proseguira para Alagôas, ponto terminal de sua viagem, logar êsse quasi transformado em povoação.

Alí o comandante escondeu a borracha no porão do navio.

Passados dois dias, atracou no pôrto de Alagôas uma canôa, que vinha do alto do rio, procurando-a. Indagando, a bordo, do Comandante, êste informou de nada saber e que não viu nem pegou borracha alguma descendo nagua.

Napoleão, que ouvíra a conversa, chamou o prejudicado, à parte, e disse-lhe: — Qual é a marca de sua borracha?

O outro respondeu, — M. A. P.

Pois, até ante-ontem, ela se achava no convés do navio, — respondeu Napoleão.

A cousa se agitou. O seringalista deu queixa ao juiz. Abriu-se inquérito sôbre o caso e o comandante foi intimado. Em audiencia, afirmou não ter sido o autor do roubo e que aquela denuncia era calunia atirada por Napoleão à sua pessoa, uma infamia, portanto, e que êle provava o que dizia.

O navio foi todo revistado, de ordem do juiz, sem nada ser desvendado.

Não conseguindo arranjar testemunha, a não ser sua própria mulher, foi prêso Napoleão e metido num apartamento incomunicavel.

Toda justiça nova é mais rigorosa que as velhas!

Retido na mais cruciante perturbação de espírito sem ter quem o salvasse, viu-se Napoleão prêso e mais enodoado com a pécha de mentiroso e caluniador.

Na prisão, lembrou-se que eu viajàra umas duas horas na mesma embarcação e, com êle a bordo, tivemos contemplando as borrachas.

Cientificou ao juiz que tinha uma testemunha a apresentar.

Êste, sem perda de tempo, mandou a Redenção um oficial de justiça com três rapazes intimar-me a comparecer ao "forum".

Segui e, depois de seis horas de viagem de canôa, saltei em Alagôas.

Fui dar o meu depoimento no outro dia, à tarde. Contei minha história como devia ser. — Afirmei que, de fáto, vira as peles de borracha no convés do gaióla. O prêso, ao saber do resultado de minha narração, ficou radiante.

O comandante entristeceu.

Revistaram, de novo, os porões do navio. Nada acharam.

Os péritos subiram de rio acima e rio abaixo, fazendo pesquizas por toda parte até que encontraram a mercadoria roubada dentro do capinzal da foz de um igarapé. Nêsse interim, descia no rio uma canôa e, ao chegar a Redenção, propalou que eu estava prêso. Meu irmão irritou-se. Preparou vinte rifles para me ir buscar, arrancar-me, à força, das

garras da Justiça. Quando as cousas estavam nêsse pé, desceu outra canôa e, vendo meu mano juntando o povo, acalmou-o, explicando que a minha demora era apenas para dar o depoimento e que nada havia contra mim.

Napoleão foi solto. Teve acalorada discussão com o comandante.

Atirou de rifle nêste. Porto, — o proprietário de seringal, que estava entre os dois apaziguando os ânimos, recebeu o balaço e caiu fulminado. Êste caso deu-se em dezembro de 1906.

Em princípio de 1907, deixei o Tarauacá por minha terra, desconhecendo daí em diante a marcha dessa tumultuosa questão.

——(o)——

XXIV

Em 1906, já havia um posto fiscal federal na foz do Murú. Sortimos alí um batelão de mercadoria, depois de haver pago os Cr$ 60,00 de imposto, e subimos quasi ao fim do Tarauacá, mascateando em troca de borracha. Fizemos regular negócio nessa viagem. No fim dêsse ano, liquidei minhas contas com o mano e fiquei de prontidão aguardando transporte para voltar à terra natal. Em princípio de Janeiro de 1907, chegára ao pôrto de Redenção o navio "Manauense", da firma comercial J. H. Anderes & Cia. Embarcação nova, havia chegado dos estaleiros de Liverpool e a primeira viagem empreendida foi essa ao Tarauacá. Baixamos e, com dois dias, ancoramos na foz do Murú onde se encontravam seis navios fóra o nosso. Chegamos felizes, pois havia alí uma festa. Estava-se inaugurando nêsse dia a vila Seabra. Achavam-se presentes todas as autoridades, — juiz, promotor, tabelião, delegado, agentes do fisco.

Assistimos à festa, ouvindo discursos, vivas, apitos de navios e espocar de garrafas.

À tarde, o seringal da bôca do Murú, já era vila Seabra, tomando o nome daquêle conhecido vulto da política nacional.

Findo os discursos, ouvia-se o hino da Pátria

por um gramofone e, ao som do mesmo, dansas animadas com os discos da Casa Edson.

Não havia mulher na festa.

Às cinco horas da tarde, saiu pela mata uma comissão tendo, à frente, autoridades locais, para inauguração de algumas avenidas, deixando-se nas mesmas as respectivas placas.

Dormimos, e no dia seguinte o "Manauense" tocou de rio abaixo. Ao chegar à foz do Tarauacá, recebemos um grande pontão cheio de borracha, para ser rebocado até Manáus. Com oito dias de viagem, chegamos à foz do Juruá. O Solimões — um deslumbramento. Em certa bôca da noite passavamos contemplando Manacapurú. Ao dia amanhecer, seguimos à montante do Rio Nêgro e, a duas horas de marcha, chegamos a Manáus.

Estavamos no auge da produção da borracha da Amazônia. Porisso, era grandioso o movimento do pôrto. Em companhia de um primo, hospedei-me na "Pensão 31 de Janeiro" (antiga Cabêça de Porco) a melhor da Capital. Passei doze dias em Manáus, aguardando que a borracha, que trazia, fôsse qualificada para ser vendida. Apurei, em sua venda, uns oito contos e tanto. Fiz logo um terno de casemira inglêsa por cento e vinte mil réis e com sessenta enchí uma mala de roupa na "Casa 22", comprando camisas a três mil réis, ceroulas a mil e quinhentos réis, meias especiais a mil e duzentos e assim por diante.

Frequentava sempre com o primo o Café Itatiaia, ponto de reunião da elite de Manáus. Fomos ao Teatro Amazônas, o melhor do mundo, nêsse tempo, onde a cómpanhia Galhardo (portuguêsa) estava fazendo uma temporada, sendo a cadeira a sete mil réis.

A cidade, um encanto, com sua esplendida luz,

bondes elétricos e telegrafo sem fio. Vimos correr pelas avenidas um carro Ford. Dizia ser o primeiro que chegàra ao Brasil. E o El-Dorado?

Sim, o El-Dorado. Que era esse ambicionado tesouro que vim a conhecer em janeiro de 1907 tão sòmente, em Manáus? A mais luxuosa pensão, o mais empolgante *cabaret* da América do Sul. Fortemente iluminado, com todas as sortes de jogos, com teatro, era lugar de lindos rostos de todas as partes do mundo — polonêsas, francêsas, portuguêsas, peruanas, brasileiras dos vinte e um Estados, todas; emfim alí se exibiam numa libertinagem desordenada, doida.

Escravizado oito ou dez anos na selva, sem relações com o sexo opôsto, o seringueiro que chegava à cidade, não o deixava de frequentar. A exploração era rôxa. Muitos alí deixavam todo o dinheiro que haviam arranjado com enormes sacrifícios. "Lisos," — restava-lhes ir ao escritório do patrão implorar uma passagem no *gaióla* e retornar ao seringal de onde saíram.

* * *

Liquidando os negócios da borracha, comprei passagem de primeira classe, na agencia do Loid Brasileiro, com destino a Fortaleza (Ceará) no paquête "Maranhão," que chegára do Rio de Janeiro.

Fôra preparado para o presidente Afonso Pena, quando visitou as capitais do norte até Manáus.

Por êsse motivo, continuava, ainda, luxuoso e confortavel.

Chegado ao pôrto de Fortaleza, desembarquei indo à procura de um primo, acadêmico de Direito. Morava com uns seis estudantes, colegas, à rua Senador Pompeu, sendo chefe da "república" um bacharelando de nome Tinôco.

Como quasi tôdo indivíduo, que vai ao Amazônas, vale-se de São Francisco do Canindé, prometendo fazer-lhe, se sair do inferno em paz, uma visita, eu támbem fiz a minha.

Tranquei meu bahú, com a reserva que trazia do Amazônas, adquerida só Deus sabe como, e o deixei em um quarto da citada *"república."*

Tomei o trem com o primo até a estação Castro onde tinha que saltar. Dalí, o companheiro seguiu para Baturité, afim de patrocinar em jury a causa de um réu.

Na estação, arranjei condução e junto a uns romeiros seguí com êstes à tarde para o Canidé.

Chegámos às nove horas do outro dia, acompanhando, ao entrar à cidade, uma banda de música de creanças, que se dirigia do colégio dos frades para a igreja.

Apeamo-nos tôdos, e, ageitados os cabêlos num hotel, dirigimo-nos para assistir à missa. O padre subiu ao altar. E, ao *introibo ad altare Dei,* apareceu-me uma sonolência.

Ajoelhei-me quase dormindo. Levantei-me e o sono continuava. Às vêzes, pendia para o lado de uma pessôa junto a mim. Acordava, e a sonolência voltava.

Quando o padre disse *ite missa est,* acordei, o sono desapareceu por completo, fôra-se.

Entristeci. Não ouvi missa. Depositei minha esportulazinha no cofre do santo milagroso e voltei ao hotel com o espírito abalado, pensativo, no desejo de ficar para assistir nova missa, do outro dia. Mas, precisava aproveitar os companheiros de volta. Eram doze léguas à estação de Castro.

Assim, resolvi ir com êles naquela tarde.

São Francisco me perdoaria a falta involuntária, que cometi. Minha intenção foi bôa. — Voltei

com a caravana de fiéis e dormi na metade do caminho. No outro dia, às nove horas, chegamos a Castro. Almocei na estalagem onde havia fretado o cavalo e, ás duas horas, regressei de trem a Fortaleza.

——(o)——

XXV

Quando saltei do trem, dirigí-me à "república" dos estudantes da rua Senador Pompeu. — Eram seis horas da tarde e, ao encaminhar-me pela calçada, avistei, de certa distância, um sujeito na janela, nú, fazendo um discurso. Entrei e vi que o orador era o "presidente" com um copo de cachaça na mão, trajado *decentemente* (de ceroula) e se expandia aclamado por seu ministério.

Eu que nunca vira uma palhaçada como essa em môços educados, principalmente o chefe, que nêsse ano recebia o pergaminho de bacharel em Direito, fiquei horrorisado.

Ao nos cumprimentar, disse o Tinôco: "Você saiu e deixou sua mala aberta!"

"Não, absolutamente, não, tenho certeza de que a deixei trancada," — respondí-lhe.

Em meu íntimo, valí-me de São Francisco do Canindé. Considerei-me roubado no dinheiro, fruto dos dez anos de sacrifício pelas matas sem-fim do Amazonas.

Dirigí-me ao quarto, lá estava a mala destrancada. — Levantei as roupas e não sei que alegria experimentei, encontrando o dinheiro intacto no lugar que tinha deixado. Quem abriu a mala, não acertou com o dinheiro, ficou desorientado, cégo...

Grandes são os poderes de São Francisco do Canindé!

Nêsse momento, lembrei-me do sono que tive na igreja, sono que não me permitiu ouvir a santa missa.

Passei com os estudantes uns trinta dias, aguardando a chegada do primo, que ficára em Belém liquidando uns negócios.

Fiz, durante essa permanencia em Fortaleza com os estudantes, bôa camaradagem e amizade íntima, pois eram distintos e maneirosos.

Admiravam-se, quando lhes contava um pedaço de minha vida.

Conheci alí Joaquim Pimenta, segundo anista de direito, que depois notabilizou-se com sua filosofia heretica.

Encontrei meu primo (o estudante) em franca apertura por dinheiro. Emprestei-lhe uns cobres para receber depois de seu irmão que ficára em Belém. Decorrido um mês, não chegando o rapaz, deliberei seguir para a capital de meu Estado.

O navio "Espírito Santo," do Loid, ancoràra no pôrto de Fortaleza com destino ao sul.

Quando tratava de comprar passagem, meu primo falou-me para que arranjasse emprestado duzentos mil réis para o acadêmico Paulo Pedro Montenêgro. Era pessoa de Pátos, de família importante. "Não conhêço essa gente — disse-lhe. Há dez anos, que ando fóra dalí, mas pósso emprestar". (Duzentos mil réis naquêle tempo, equivaliam a uns bons contos de reis, hoje.)

Nessa conversa, apareceu o acadêmico Francisco Falcão (de Bananeiras) que concluira o primeiro ano jurídico e precisava de sessenta mil réis. Poucos minutos depois, aproximou-se de nós Américo Falcão, quarto anista, pedindo-me tambem que lhe

arranjasse cem mil réis até à capital da Paraíba. O navio estava no pôrto, era preciso não perdê-lo.

Satisfiz a tôdos. Daí por diante, nossa amizade cresceu, ainda mais.

Embarcamos no "Espírito Santo," navio velho e péssimo, igual ao "Pernambuco," que me levou ao Pará. Em quatro dias, ancoramos em Cabedêlo.

Desembarcadas nossas bagagens, seguimos a trem para a capital. Eu e Paulo Pedro fomos nos hospedar no "Luso Brasileiro," o melhor hotel da praça, enquanto os outros companheiros seguiram para suas residências.

Depois do banho, sentamo-nos à mêsa para o jantar. Dormimos e, no dia seguinte, pela manhã, servimo-nos de um gordo café a pandeló, queijo, leite e pão. Pedimos a conta. O empregado cobrou quatro mil réis de cada um. Saidos da hospedagem, fomos passar oito dias na "república" de uns estudantes sertanejos, — os Gorgonios da Nobrega, do Caicó, à rua Visconde de Pelotas.

Os companheiros aos quais havia emprestado os cobres, vieram alí, pressurosos, saldar seus débitos comigo e dar os agradecimentos pelo favor que lhes havia feito.

Nêsse dia, a "A União" estampára em seu noticiário: — "Pelo vapor "Espírito Santo," chegaram a nossa capital, vindos de Fortaleza, os acadêmicos de Direito Francisco Falcão, Paulo Pedro Montenêgro, Alfredo Lustosa Cabral e Américo Falcão." Vinham conosco, tambem outros estudantes, de que não me recordo os nomes.

Cheguei em Pátos com Paulo Pedro.

Fui recebido com estrepitosa alegria. — Dez anos vividos ausentes dos meus... no Amazonas.

Da íntima e feliz camaradagem com os estudantes, originou-se em mim a idéia de voltar à

"república" dos liceanos da rua Visconde de Pelotas, na Paraíba, hoje João Pessoa.

Alí fui bem acolhido por tôdos, especialmente por Gorgonio e Januncio Nóbrega, que me incentivaram e me encorajaram a vencer mais uma etapa na vida.

——(o)——

NOTAS:

Em páginas que se seguem, deixo alguns apontamentos que julgo de interesse para o leitor.

São pequenas observações ao tempo de minha permanência no Amazonas, muitas das quais, talvez, hoje, esquecidas ou modificadas pelo próprio evolver da história do grande vale. Junto, igualmente, ligeiro apanhado de alguns versos do cantador popular de Pátos, Severino Pirauá de Lima. São apenas trechos de uma longa cantoría sôbre o Amazonas, infelizmente, ao todo, perdida, mas ainda trago de memória algumas dessas estrofes.

* * *

A PIRACEMA (Festa dos Peixes) — De ordinário, quando terminavam as enchentes dos rios, em maio, os peixes aceleravam-se no fundo das aguas e, reunidos em grandes cardumes, saíam de viagem diréta, rio acima, fantàsticamente, sem parar, percorrendo enorme distância, até, de cansados, se dispersarem. Para onde quer que seguissem, em bandos distintos, não se misturavam. De meia a uma hora

seguida, sempre à margem do rio e beirando as praias, passavam os cardumes de mandins, de esporão venenoso e martirizante na barbatana anterior. Atrás, iam os de piramutabas, curimatans, piáus, pescadas, mocinhas e outros. Afinal, ninguém podia calcular o número e a variedade de peixes que constituem uma piracema.

É exagero, mas dizem que o jacaré e a sucurujú acompanham o "frêvo."

Do barracão ou das barracas, à margem dos rios, ouvia-se, perfeitamente, o barulho da piracema. Via-se a agitação das aguas, o estrondo produzido pelo choque, talvez, dos cardumes em festa.

Certa vez, passava em Nova Esperança uma piracema. Pouco depois, chegava uma canôa com o porão cheio de peixes de várias qualidades. Os viajantes disseram que, ao passar por cima da piracema, esta assustara-se — os peixes pulavam e caíam dentro da canôa. Esse fato; conto porque presenciei. Os homens não conduziam anzol, tarrafa ou qualquer outro artifício de pesca.

A piracema sòmente se dispersa após oito ou dez dias de viagem. Nessa época, todo mundo deixa de ser "panema" — que significa caipora, desditoso. Por isso, quando alguém vai pescar ou caçar e nada traz, o companheiro de barraca diz, — Você é um panema. Os panemas encontram, às vezes, o jaboty, o cágado fatídico, que vive no sêco. Apanham-no e voltam da caça, porque, nesse dia, não acham em

que atirar. As caças encantam-se para êles.

UTENSILIOS DE PESCA — Eram empregados na aquisição de peixes, a rêde de arrasto, a tarrafa e o anzol. Isso de modo geral, mas havia outros meios diferentes de pescaria, que só mesmo os nativos desempenhavam com arte e grande perícia. Assim, pescava-se o pirarucú e o peixe-boi com o arpão, que é um instrumento de ferro perfurante, de 15 centimetros, com dois ganchos e preso a uma corda, encastoado numa haste de madeira de dois metros de comprido. Joga-se o arpão no lombo do animal e, imediatamente, retira-se a haste, colocando-a na canôa. O peixe, ao receber a preacada, dispersa numa carreira, arrastando a embarcação com certa velocidade. O mariscador (pescador) vai colhendo a arpoeira e, quando o peixe sente a canôa aproximar-se, toma novo impulso, ficando, ao fim, bem cansado. Chegado a este ponto, o mariscador, que conduz, de propósito, uma tóra de páu e já divisando o pescado à flôr das aguas, firma a arpoeira na mão esquerda e com a direita, dá-lhe uma grande cacetada, na cabeça, acabando de matá-lo.

A pescaria do pirarucú era sempre feita no meio de lago, de oito a doze braças de profundidade. O seu embarque, na hora que era colhido, requeria bastante perícia. Muitas vezes, devido ao seu extraordinário pêzo, ao caírem alguns na

canôa, esta se alagava, correndo perigo de sossobrar. Com a lingua do pirarucú, que é igual a uma lima grossa, os caboclos davam polimento a seus arcos e outros instrumentos da maloca. O pirarucú solta, com a cauda, uma chicotada à superfície das aguas, igual a um tiro de rifle.

Da mesma maneira, pescava-se o peixe-boi com o arpão, sendo de preferência realizar-se a pescaria nas noites de luar, quando esse peixe está comendo a canarana (espécie de capim-gordura) nas margens do rio. A pescaria do peixe-boi, por ser sempre à noite, é um tanto perigosa e só póde ser feita por um mariscador muito adestrado no ofício. Encontram-se três qualidades de carne no peixe-boi — de boi, de peixe e de porco. Faz-se dessas carnes um guizado saboroso com o nome de *mixira*. Os caboclos preparam-na e colocam-na em latas bem lacradas, vendendo-a nos hotéis e casas de família de Belém. É um prato apreciadissimo.

Havia, ainda, a pescaria com arco e flecha, para os pequenos peixes — curimatans, aracús, piáus, matrinchans, caruassús, tucunarés, aruanans, pacús e outros.

As tartarugas eram apanhadas também com arco e flecha e com o jaticá, que éra um bico de aço encastoado numa haste de madeira de três metros. O quelônio, estando no fundo dos lagos, desprende, ao respirar. uma bolhas de ar que vêm à tôna. O pescador colocava a

haste bem no centro da espuma e, com um impulso vigoroso, o jaticá, que se achava engastado na extremidade da haste, ia ter ao casco da tartaruga, preacandoa-a. Depois, colhia a linha a jeito e, ao sair fóra, punha-a dentro da canôa, isto com muito cuidado porque, com qualquer movimento brusco, o animal quebraria a linha, indo embora.

O mariscador era, quasi sempre, um indivíduo do baixo Amazonas, profissional hábil nesse mister. Não havia quem o superasse na arte e só aparecia no Purús, Juruá e outros rios, quando contratado pelos chefes de seringal que o conseguiam com muita dificuldade e mediante ordenado compensador, após convites insistentes.

O mariscador do seringal Nova Esperança, no Juruá, onde estive, chamava-se João Francisco. Era um caboclo simpático, de desoito anos presumíveis, fumador e tocador de harmônica. Ganhava tresentos mil réis por mês, com outras vantagens — refeição, tabaco, fósforos, etc. Sustentava o barracão, diàriamente, de peixe e caça, em abundâcia. Almoçava-se, jantava-se e ceiava-se peixe. Desconfiado como era, tornava-se necessário tratá-lo com desvêlo, do contrário ia-se para outro seringal, onde era acolhido, estimado e querido.

Pescava-se, ainda, com o espinhel, que consistia em atravessar o lago com uma arpoeira (corda) bem forte, amarrada de um lado e de outro do mesmo

lago. Colocavam-se os anzois prêsos à arpoeira, de braça em braça, ficando mergulhados apenas uns dois palmos na agua. Servia de isca o côco jary, que o peixe muito aprecia. A palmeira desse côco é bem alta e cheia de espinhos, do tronco às fôlhas, de modo que sòmente são obtidos os frutos quando amadurecem e caem. Colocava-se o espinhel à tarde e no outro dia encontravam-se fisgados nos anzois — o tambaquí, de dez a quinze quilos de pêso, semelhante a uma curimatã, a pirapitinga, o surubim, o jundiá e outros. O último chega a pesar sessenta quilos. É preciso que o anzol seja grande e forte para dominá-lo.

No alto dos rios, usava-se uma pescaria extravagante e perigosa. O rio era bastante raso, mas, às curvas, o remanso chegava a ter três ou quatro braças de profundidade. Nesses poços, encontrava-se sempre a pirapitinga, pouco menor do que o tambaquí, mas do mesmo formato. É peixe saborosíssimo e vive sempre em grupos de dois ou três, juntos, a darem rabanadas à flôr das águas, que era, nos remansos, bem tranquila, a partir de setembro. Para o desempenho dessa pesca, três pessoas eram necessárias — uma remava vagarosamente a canôa, outra jogava a tarrafa no peixe quando o divisava, enquanto o terceiro pulava nágua, com uma faca de ponta na mão, agarrando-se com tarrafa e peixe. O companheiro que atiràra a tarrafa, colhí-a e, ao sair esta à tôna, recebia do mergulha-

dor o embrulho, jogando-o no porão da canôa.

A pirapitinga pesa, mais ou menos, uns oito quilos. É, como o tambaquí, peixe de escama. Não há tarrafa que os sustente. Só mesmo a necessidade, a conservação da vida, impelia o indivíduo, naquelas alturas, a arrojar-se a uma emprêsa como aquela.

Numa certa pescaria, em remanso pequeno e meio raso, os homens encontraram uma sucurujú. Correram atrás de outros companheiros para a matarem. O monstro achava-se ao pé da barreira. Começaram a irritá-lo. Desciam de dois ou três e furavam-no de faca, saindo ligeiro fóra dagua. Assim, o grande ofideo, aperreado, aflorou à superfície. A cacetadas, tiros e furadas, conseguiram matá-lo. Estava com a barriga bastante dilatada. Abriram-na sem poderem tolerar a catinga e encontraram no ventre três queixadas, ainda encabelados. Esses porcos já se achavam em decomposição.

Com a barriga empanzinada, a cobra não poude movimentar-se à vontade, razão por que não reagiu contra seus agressores. Havia apreendido, sem dúvida, os porcos, de uma só vez, quando se aproximavam para beber água no poço.

* * *

ALIMENTAÇÃO — o regime alimentício no Amazonas era, em algumas partes, bem ruim. Nos lugares onde não havia

índios, encontravam-se variadas espécies de caças e peixes, que se conseguiam apanhar com facilidade. Nesses lugares, como já frizámos noutra parte, a vida era bôa, porém raro era o seringueiro que se libertava das garras aduncas do seu patrão. Trabalhava como um jumento desses que carregam água aquí, em Pátos, sem poder nunca saldar as suas contas, pois as seringueiras não o ajudavam. Estavam cansadas e surradas de há bem anos e desprovidas de seiva. O seringueiro cortava, por dia, cento e cinquenta e até mesmo cento e oitenta madeiras, para côlher dois ou três quilos de borracha. Conseguia, apenas, fazer, por ano, 150 a 200 quilos do produto, isso trabalhando de junho a princípio de dezembro, quando as águas cresciam e os rios começavam a transbordar, invadindo as estradas sem se poder mais transitar.

Terminado o fabrico da borracha, quedava-se durante cinco mêses sem nada produzir na obrigação de comprar o nescessário para a sua manutenção. A borracha, que extraiu, era vendida no *tôco,* isto é, só ao patrão cabia o direito de comprá-la e mais ninguém. Os preços eram estipulados pelo senhor da propriedade, que depois de efetivar a venda, que era sempre metade do prêço da praça de Manáus, abatia na conta.

Nos altos dos rios, como as vidas não tinham garantias, dava-se o contrário. O seringueiro era livre, tinha direito a tirar a borracha *por conta.*

Os proprietários arrendavam duas estradas por 66 quilos de borracha e o seringueiro comprava mercadoria ao patrão ou a qualquer outro que entendesse. Um homem disposto arranjava 6,8 e até 12 quilos de borracha diariamente, cortando apenas de oitenta a cento e vinte seringueiras, mas, além de viver sobressaltado com os aborigenes, estava sujeito a malária e, sem exceção, a arranjar o carimbo da ferida braba, na perna, no braço ou em qualquer outra parte do corpo. Dois indivíduos irmãos, fortes e robustos, conseguiram abater em *tatú canastra,* caça quasi exotica, pois, só anda às caladas da noite. Era um animal que chegava a pesar mais de cinquenta quilos e, se um indivíduo pudesse montá-lo, êle o conduziria a seu covil, tal a sua força. As unhas eram do formato e tamanho do chifre de um carneirote. Faziam juntos três buracos, próximos, dispostos em forma triangular, com suficiencia para entrar um homem deitado e alí viviam, só saindo à noite. A surpresa foi a melhor possivel. Passaram os dois uma semana saboreando a deliciosa carne do *tatú.* Decorridos uns quinze dias, cobriram-se de inchaços vermelhos por todo o corpo e no rosto. Eram as feridas brabas, que chegaram a dimensões horriveis, umas quinze em cada um. Perderam o ano sem poder mais dar um golpe na estrada. Essas feridas eram muito rebeldes e curavam-se com *pós de joana,* tartaro e outras drogas. Quando, de modo algum

não obedeciam a êsses medicamentos, lançava-se mão de um outro recurso. O doente tomava um "porre" de aguardente. Dois ou três o seguravam enquanto outro, com um caneco de graxa fervendo, despejava-o sôbre a ferida. O paciente, exasperado com a dôr, esbravejava como uma féra, mas a ferida ficava morta. Alguns preferiam um ferro em brasa ou encher a ferida com polvora e tocar fogo.

Estes eram recursos extremos, mas que não deixavam de ser, vez por outra, praticados. Era verdadeira miséria a alimentação nesses lugares. O homem lançava mão de todos os recursos para viver. Os peixes, no rio, dificilmente apanhados e as caças quase não existiam. O índio, que era excepcional caçador, com o recurso de saber imitar as caças, conseguia devorar tudo. Era um viver lamentavel o do seringueiro, e o que lhe caía na rêde trazia para a barraca, — macaco prego, guariba, guaxiní, cachorro do mato, onça, cameleão, jacaré, tiú, o diabo, enfim, com os olhos de fogo, se o encontrasse, tinha que ir à panela.

Depois que saí de Redenção, as cousas foram tomando melhores destinos, concorrendo para isso a navegação a vapor.

Surgiu o padre ambulante, ministrando a religião ao selvagem (nós) e o dr. Fernandes Távora passou uma bôa temporada, curando e operando muita gente, naquêle rio.

* * *

AGRICULTURA — Todos os produtos

comestíveis vinham de Manáus e Belém — farinha dagua, manteiga, sal, conservas e, ainda, medicamentos e munições. Da terra nada se conseguia, apezar de sua prodigiosa fertilidade, que dava tudo com vantagem. As dificuldades estavam em se preparar o roçado. Não havia tempo para se brocar uma mata, na qual a maioria das árvores media mais de vinte palmos de circunferência. Numa broca, que fizemos em Redenção — seringal do meu irmão — foram escolhidos três machados vigorosos para derribarem um páu darco. Os três homens trabalharam das cinco horas da manhã às sete da noite, já iluminados a farol, quando a árvore veiu a tombar, levando na queda, à sua frente, outras, adredemente, entalhadas, para caírem quando o páu darco tombasse. Por essa razão, os roçados eram pequenos e feitos com muito sacrifício. O proprietário ia, aos poucos, aumentando-os todos os anos, até conseguir uma roça de proporções regulares onde se plantava o milho, a mandioca, a cana, o mamão, a banana, tendo-se, então, uma grande fartura. Quando chegava a época de crise, à falta de mercadorias, passava-se mal, porém não se morria de fome. Recorria-se ao roçado e comia-se macacheira assada ou cozinhada, temperada com banana, vinho de assahy, patauá, abacaba e burity. Para adoçar esses vinhos, quebrava-se a cana com o olho do machado, torcia-se à mão e extraia-se o caldo.

As praias eram adubadas de paul,

matérias em sedimento, de modo que se obtinha, vantajosamente, o feijão de corda, o gerimum e a melancia, sem se dar uma enxadada. O mato que nascia alí arrancava-se à mão. No trabalho da praia ou do roçado, o trabalhador era atormentado pelo mosquito pium, intoleravel, que ferroava de preferencia no rosto e mãos. Todo mundo fumava e, no serviço, colocava o mosquiteiro de cabeça, ficando apenas descobertos os olhos, o nariz e a bôca, para o cigarro ou cachimbo. Quasi que não havia carapanã (muriçoca), porém o indivíduo tinha de usar o mosquiteiro na rêde, para livrar-se de outro inimigo pior — o morcêgo. Esse miserável deleitava-se com o sangue humano. Em certa noite, tive a ousadia de cair na rêde sem o mosquiteiro que, por se achar bem sujo, o havia ensaboado, deixando para lavá-lo no dia seguinte. Assim, dormí sem o amparo da mesmo. No outro dia, quando levantei-me, a rêde e o lençól estavam com várias manchas de sangue. O desgraçado deu-me cinco dentadas pelo rosto, mãos e pés. E tive que suportar mais uma vaia dos companheiros. Marcando uma pessoa só, acertava com ela, estivesse no meio de dez ou de doze. É um animal nojento, repugnante e perigoso. Depois das quatro horas, quando e seringueiro desocupava-se da borracha, ia cuidar de torrar o café, fazer lenha para a panela, trazer cavaco para defumar o leite ou juntar caroços de palmeira jací, que eram queimados em boião de ferro, na ocasião

de se confeccionar a borracha, e, ainda, reservava um pouquinho de tempo para lavar a roupa, numa prancha de madeira, à margem do igarapé. Não existia pedras no Juruá e seus afluentes de modo algum. As raizes pivotantes das árvores, não encontrando resistência no sòlo, aprofundavam-se a muitos metros. Do mês de setembro em diante, apareciam as tempestades furiosas, às vezes, tempestades que chegavam ao mês de dezembro. Quebravam, pelo meio, as grandes árvores, não conseguindo, entretanto, arrancá-las, a não ser as das márgens do rio ou igarapé.

* * *

SAÚDE — Não havia doenças venéreas. As moléstias mais renitentes eram as sezões, generalizadas no alto dos rios, a ferida braba e as febres catarrais, no fim do inverno, em maio.

Os remédios mais usuais eram — o café Beirão, pilulas de várias espécies, para sezões, purgantes de óleo de rícino, o sal amargo e o leite de gameleira para icterícia e a maravilha curativa do dr. Humphreys e, ainda, o peitoral de anacauita, além dos pós para feridas, etc.

POLICIAMENTO — Ao chefe do barracão cabia o papel de resolver as questões do seu seringal. Existiam no Juruá muitos criminosos de morte, sem a menor punição, até que chegaram fortes censuras aos ouvidos do Govêrno. Este fretou o navio

"Rio Afuá" e mandou um oficial de polícia com sessenta praças capturar o que lhe fosse possível. De posse da lista dos barracões onde se encontravam os desviados, subiu o chefe da força, rio acima, Encostava nos portos. saltava com dois guarda-costas, simulando deixar correspondencia de Manáus e, nesse interim, perguntava, em sigilo, ao proprietário quantos criminosos de morte residiam alí. Este, atemorizado perante a autoridade, informava o número exato. Confidencialmente, o oficial dizia: — " Prepare-os que, no meu regresso, os conduzirei para Manáus. Vá, portanto, catequizando-os, entretendo-os, que, nesses vinte dias, estarei de volta. Não facilite, porque se o criminoso desaparecer, o senhor irá preencher o lugar do mesmo". E, assim, o navio subia até certa altura e, no seu regresso, a polícia ia colhendo os criminosos, algemava-os e deitava-os no porão do gaiola, que chegou em Manáus com cento e muitos prisioneiros. Daí por diante, quando subia o rio um navio, todos perguntavam: — "Será o Rio Afuá?" Com essa medida, a criminalidade no Juruá baixou, sensivelmente, de nível.

Não existia roubo ou furto, porque se o indivíduo chegasse à barraca de qualquer desconhecido, sem o encontrar em casa, podia servir-se do que entendesse — alimentação, munição, contanto que deixasse um bilhete ou, se não soubesse ler, no soalho da barraca, um sinal qualquer.

* * *

ESTRANGEIROS — O elemento preponderante no Juruá era o peruano e, com este, não tinhamos relações confidenciais. Vez por outra, estavam surgindo desavenças, críticas, aborrecimentos. Começavam por nos apelidar de *maquiçapos* ou *macaquitos*. Pilheria insôssa e atrevida que dava lugar a sérios atritos, dissolvidos com a intervenção maneirosa dos chefes de ambos os lados.

O peruano trabalhava no caucho e vivia como um bicho, arredado no interior da mata, distante, sem contacto com os brasileiros, enquanto que estes só se enfeitiçavam pela seringueira, sempre às margens dos rios ou a três ou quatro horas de viagem destas.

Precavido, o peruano não deixava sua *costela*, quasi sempre gorda e bonita, trazida do Perú ou arrancada à força de uma tribu indígena. O seringueiro, coitado, invejava-lhe a sorte. Morava só, com seu companheiro e vivia em desespero. Inventava caçadas longinquas, até que ia ter ao taperi peruano. onde alegava que alí viera tocar, perdido. Isto sucedia sempre em horas que o dono do rancho estava fóra no trabalho ou na caçada. Com essa trama, alguns conseguiam apossar-se da joia apetecida, em consequencia do que havia fortes intrigas e até mortes.

Certo cearense do Alto Juruá era sócio de um peruano civilizado. Não sei por que motivo, desfizeram a sociedade

comercial, ficando o brasileiro com quarenta e tantos trabalhadores peruanos. Num ajuste de contas, estes romperam de modo irreconciliável. O chefe cearense, que contava apenas com pouco mais de meia duzia de brasileiros, valeu-se do rifle e, de uma vez, matou vinte e sete peruanos.

Tive ocasião de ver o assasino. Era um tipo lombrosiano, feio, mal encarado e bem corpulento. Foi uma chacina terrível. O rio em pêso ficou horrorisado e não sei como os nossos diplomatas explicaram o caso às legações peruanas.

Em seguida, ocupava lugar saliente o boliviano, no rio Madeira e no Purús.

No Juruá, apareciam alguns equatorianos, colombianos e, regateando pelos rios, andavam vários turcos, gregos, arabes e outros estrangeiros que exploravam o ramo comercial, em seus batelões carregados de miudezas e outras mercadorias, levando-as até próximo às cabeceiras dos rios.

* * *

A CAISSUMA — A Caissuma éra a bebida predileta das festas indígenas. Arrancava-se a mandioca e depositava-se em um grande alguidar ou prato de barro. Depois de três ou quatro dias, tempo em que estava fermentada, a casca estava fácil de se despregar. Nesse ponto, umas dez ou doze cunhatans (donzelas), circulam em redor do prato e começam a

mastigar tôda a mandioca, que já se acha *puba* e soltam os bocados no citado recipiente. Depois desse processo, tirava-se o bagaço cuidadosamente, ficando a bebida quasi coada, com um toque de azedume. Adicionava-se, então, um pouco de caldo de cana para temperá-la. Estava pronta a caissuma. Era a bebida saborosa do ameríndio e, tomada em alta dóse, fazia o indivíduo ficar alegre.

Bebi e achei bôa, como que sentindo ainda o gosto da saliva das cunhatans bonitas que a fabricaram...

Se o hóspede ao se aproximar de uma taba de índios, não aceitava uma tijelinha de caissuma, era melhor que não fosse lá, pois, ficava logo antipatisado por todos da tribu, que o chamavam logo de *Cariú pichuêra* — (homem ruim).

Da gíria dos Catuquinas e Caxinauás, conseguimos gravar os seguintes termos:

Homem civilizado — Cariú; Mulher — Cunhan; Moça — Cunhatan; Menino — Colomí; Camisa — Farí Suti; Calça — Tari Quixi; Meias — Tari tai; Rêde — Tari panê; Rêde de cipó — Maqueira; Fazendas — Tari; Orelha — Pavinquim; Braço — Suti; Pernas — Quixi; Pés — Tai; Milho — Chuqui; Macacheira — Mani; Mamão — Chupá; Cana — Tauatá; Galinha — Tacará; Jacú — Pucacunga; Mutum — Assim; Anta — Auá; Cachorro — Caman; Camelião — Xixupani; Vamos — Cauê; Vamos embora — Uri Cauê; Tomar banho — Daxitão; Espingarda — Mucáua; Comer — Mamahú; Ruim —

Estapá; Doente — Manuana; Não quero — Timaan; Não presta — Pixueira; Negro — Tapaiuna.

* * *

Sôbre assuntos do Amazonas, o cantador Silvino Pirauá de Lima, discípulo e autor do necrológio de Romano — o Romano da Mãe Dágua, ou o Romano do Teixeira, por informações de meu irmão Silvino Lustosa Cabral, quando esteve em Pátos, em 1894, e me levou para o Amazônas, escreveu um poemeto.

Transcrevemos aquí, a título de curiosidade, algumas estrófes de que ainda nos recordamos:

Nunca fui ao Amazônas
Para descrevê-lo bem,
Mas sempre dou um sentido
Daquilo que por lá tem,
Tudo por informação
Segundo me diz alguem.

O Amazônas é composto
De imensas grandezas.
Tem nêle grande recurso
Para amparo da pobreza
A borracha e a castanha
São as primeiras riquezas.

* * *

Os Rios

Descrevo do Amzônas
Os seus rios principais

Com os seus igarapés
Dêles conto menos, "mais"
Tambem direi alguns nomes
De diferentes animais:

Dos rios que lá existem
Pelo que me dão roteiro
Tem o rio Amazônas,
Que êste é de primeira,
Tem o rio Tocantins
Rio Negro e Rio Madeira;

Tem o rio Solimões,
O grande rio Juruá,
Rio Branco e rio Acre
E o forte rio Japurá,
Rio Purús e Riozinho
E o rio Tarauacá;

Rio Gregório e rio Xingú,
Tem o rio Pauiny
E o rio Apurinã
De movimento sem fim.
Rio Javary, Tapajós
Rio Copiá é assim...
....
....

* * *

Sôbre os peixes e bichos do Amazonas:

Tem peixe-boi, tartaruga,
Tracajá, pirarucú,
Tambaquí, pirapitinga,
Matrinchan, carauassú,

Gijú e tucunaré,
Aruanã e pacú.

Tem a tal sucurujú,
Que medonha féra é,
Bôto vermelho e arraia,
Piraiba e jacaré,
Candirú e tiranaboia,
Pirarara e puraqué.

A arraia, essa é redonda,
Tem a sua ferramenta,
Qualquer pessoa que ferra
Seu espinho se arrebenta,
Quando não mata, aleija,
Nunca sai por onde entra.

O puraqué, esse atrai,
O seu choque é valente
Qualquer páu que tenha nágua
Se em cima tiver gente
Êle roça, dando o choque,
Cai o freguez, não se sente.

O choque do puraqué
Como êle, outro não há,
Chegando no pé de um páu
Roçando no tronco vai
Como não pode subir
Dá o choque e a fruta cai.
....
....

* * *

Sôbres as Aves

Tem o tal irapurú,
Inambú grande, jacamim,
Alencó, mutum, macucáu,
Também tem o cojubim,
Tem urú, é bôa caça,
Tem japó e japiim.

O irapurú quando canta
Tem muito bôa atração,
Qualquer pessoa que o ouça,
Já é por obrigação
Por mais vexado que vá
Esbarra, presta atenção.

* * *

Sôbre as árvores

As árvores mais procuradas
São a carapanaúba,
A seringueira, a andiróba,
A solveira, a paracoúba,
A castanheira, a copaíba
E a tal jacareuba.

Depois que descreve em vinte e quatro estrófes a vida e a miséria por que passa o seringueiro no Amazonas, termina do seguinte modo:

Do Amazonas, senhores,
As condições dizem tudo.
Lá só irá pobre besta
Ou por outra cabeçudo,
Iluda-se lá quem quizer
Que eu mesmo cá não me iludo

Silvino Pirauá de Lima
Chamado — o Paraibano,
Compositor desta obra,
Espera no Deus Soberano
Nunca ir ao Amazonas
Nem Deus lhe dar este plano.

——(o)——

AGRADECIMENTO

Não poderia encerrar estas páginas modestas e simples sem deixar aqui o meu agradecimento sincero ao ilustre dr. Carlos Arcoverde, diretor da Escola Industrial de João Pessoa e ao competente prof. Alfredo Andrade, que para mim foram extremamente bondosos. À prestimosidade inequivoca de ambos é que poude conseguir a confecção de meu livro.

Agradeço ainda, por seu diligente esforço, ao sr. Luiz Monteiro Neves, professor de cultura técnica da Escola Industrial e aos jovens estudantes desse estabelecimento, que honra a Paraíba, especialmente ao aplicado aprendiz de linotipia Claudio Leite Pessoa.

Paraíba, novembro de 1949.

ass.) ALFREDO LUSTOSA CABRAL

ÍNDICE

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura